

4

O intelectual Eça de Queirós

Ah! Se a nossa amada Lisboa, velha criada de abade que se arrebeca à francesa, tivesse já compreendido o que, neste ano da Graça de 86, já largamente compreendeu a aldeia da Carpentras, famosa pela sua caturrice – que o naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ela é na *sua realidade* e não como tu a poderias idear na *tua* imaginação – seria honrar o teu livro suspeitá-lo de naturalismo! Obra naturalista significaria então, para a nossa bondosa Lisboa – obra observada e não sonhada; obra modelada sobre as formas da Natureza, não recortada sobre moldes de papel; obra pousada nas eternas bases da vida, e não nesse momento mole, feito de sentimentalismo bolorento e de cascalho de retórica, que ainda atravanca um canto da arte, e onde se vê ainda, por vezes brotar uma florzinha triste e melada que pende e que cheira a mofo.¹

Eça de Queiroz

4.1

As Idéias e os ideais do intelectual

O fim da arte foi, doutrinalmente, desde então, para Eça de Queiroz, a reprodução exacta da Natureza, da realidade, impessoal, impassível. A intervenção da ironia representa a forma superior, a única forma admissível da opinião do artista se manifestar, e a correcção necessária para qualquer excesso de sentimento.²

Jaime Batalha Reis

Uma vez apresentada a nossa perspectiva da realidade vivida durante o século XIX, tanto pela Europa “moderna”, quanto por Portugal, e traçadas as principais diferenças entre esses dois “mundos opostos”, resta-nos agora definir mais claramente a posição de Eça de Queirós diante desse contexto de “defasagem” e analisar seu projeto intelectual de modernização e “regeneração” de Portugal.

Entretanto, antes de prosseguirmos, precisamos abordar a questão da representatividade e do papel do intelectual na sociedade moderna e contemporânea. Por ser uma das discussões que tem ocupado espaço na atualidade, é importante

¹ QUEIRÓZ, Eça de. “Três Prefácios”- I- “Prefácio dos ‘Azulejos’ do Conde de Arnoso”, 12 de junho de 1886). In *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, 2000, p. 101.

² Id. “Introdução de Jaime Batalha Reis”, Setembro de 1903. In *Prosas Bárbaras*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, 1999, p. 45.

traçarmos os limites conceituais do termo “intelectual” tal como está sendo empregado no presente trabalho. Visto que o termo em questão conduz facilmente a equívocos, devido a sua elasticidade, faz-se necessário esclarecer que o conceito aqui empregado se refere àquele que, afastando-se de seu campo de ação, ou atuando dentro dele, empreende a “missão” de analisar, apontar, acusar injustiças ou desvios de comportamento humano que são por ele considerados prejudiciais ao desenvolvimento da humanidade.

Entretanto, a função do intelectual nem sempre foi a de intervenção na sociedade; ela foi se deslocando ao longo dos séculos, assim como a definição de intelectual se deslocou de um segmento para outro da sociedade. Na Idade Média, os intelectuais eram representados pelos clérigos; era na Teologia que se encontrava o saber. Posteriormente, a Teologia cedeu lugar à Filosofia. Entretanto, ambas tinham a função de preservar, difundir e defender as “verdades universais”. No século XIX, devido à relativização dessas “verdades”, os intelectuais não podiam mais defendê-las; ao contrário, precisavam discutir como essa relativização perturbava conceitos arraigados naquela sociedade. O intelectual dos oitocentos não é mais um religioso nem um filósofo, o saber agora se deslocou para a área das ciências e das humanidades.

No caso de Eça de Queirós, o intelectual é um homem de letras, que atua dentro do seu domínio de escritor, com a finalidade de intervir em outros campos, como, por exemplo, no campo social, político e econômico.

Michael Foucault nos apresenta um breve panorama da mudança da função do intelectual na sociedade:

O papel do intelectual não é mais o de se posicionar “um pouco à frente e um pouco ao lado” para dizer a verdade muda de todos; é antes lutar contra as formas de poder ali onde ele é, ao mesmo tempo, objeto e o instrumento disso: na ordem do “saber”, da “verdade”, da “consciência”, do “discurso”.³

Segundo Foucault, a teoria agora se mistura com a prática; o intelectual não tem mais a função de conscientizar, esclarecer e dizer “a muda verdade de todos”, e sim a de participar de igual para igual na luta por uma transformação. Embora

³FOUCAULT, Michael. “Os intelectuais e o poder”. In: *Estratégia, poder-saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984, p. 39.

distante da data em que essa nova função foi analisada por Foucault, a atuação de Eça de Queirós, como escritor e intelectual, ajusta-se perfeitamente ao novo entendimento que, ao longo do século XX, se agregou à função e papel do intelectual moderno.

O intelectual moderno, portanto, é aquele que usa seu conhecimento na tentativa de explicar o mundo e intervir nele, articulando o pensamento e recorrendo à linguagem, à crítica e à arte para se pronunciar e descrever as questões do século.

Nesse sentido, um dos intelectuais que definitivamente “não podemos dispensar”⁴, visto que, através de suas obras, criticou, traduziu, interpelou, interpretou, problematizou, pronunciou-se e pronunciou o mundo, é o escritor português Eça de Queirós. Seu objetivo foi analisar, com seu sentido profundo de observação, o cenário da realidade portuguesa, testemunhar e acusá-la de suas mazelas.

A sociedade portuguesa começou a ser posta em causa por alguns intelectuais, dentre eles Eça de Queirós, na década de 60, quando teve início o capitalismo “fontista” (comandado pelo Engenheiro Fontes Pereira de Melo), responsável por um processo de modernização do cenário português. A retórica romântica começou a dar lugar ao realismo. Com o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação em toda a Europa, os estudantes da Universidade de Coimbra (mais tarde a *Geração de 70*) receberam a modernidade por meio das ferrovias e iniciaram o projeto de “reforma” e “modernização” de Portugal, sendo considerados pelo historiador José-Augusto França os responsáveis por uma “viragem filosófica e cultural e até mental”⁵ na sociedade. A Geração de 70 não só percebia a urgência da nova realidade, como percebia também que Portugal não se inseria nessa modernidade, por ser um país “decadente” e “marginalizado”, segundo descrição de Eduardo Lourenço⁶. Viam aí a necessidade de um programa cultural que pudesse modernizar Portugal e inseri-lo nessa nova realidade tão excitante e, ao mesmo tempo, tão excludente. Na opinião desses jovens estudantes, antes de tudo, para ser moderno, era

⁴Cf. SILVA, Augusto Santos. “Podemos dispensar os intelectuais”. In: MARGATO, Izabel; GOMES, Renato Cordeiro (orgs.). *O papel do intelectual hoje*. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 62.

⁵FRANÇA, José-Augusto. Op. cit., p. 250

⁶LOURENÇO, Eduardo. Op.cit., p. 90.

necessário ter a vontade de se enquadrar, de estudar idéias, de procurar meios e condições para que essa transformação fosse possível.

A ação crítica e pedagógica dos homens dessa geração vai desencadear um movimento obsessivo pela interpelação à sociedade portuguesa marcada, fundamentalmente, por uma atitude de “acusação regeneradora”. Eça de Queirós pertence a esse grupo e, sem dúvida, abraçou o projeto de modernização do seu país.⁷

Com base nos ideais de sua geração, Eça de Queirós iniciou o seu projeto de “regeneração de Portugal”, de intervenção na sociedade, através da ironia corrosiva e da crítica contundente à vida social, política e moral da época. Pintar a sociedade, colocá-la em causa para mostrar o quão “decadente” ela era e, assim, obter uma possível “redenção” era o objetivo de sua ação enquanto escritor e intelectual português. Eduardo Lourenço nos apresenta uma síntese do projeto de Eça e de toda a Geração de 70. Segundo o escritor, a finalidade desses intelectuais era:

[...] *repor* Portugal na sua grandeza *ideal* tão negada pelas circunstâncias concretas da sua medíocre realidade política, económica, social e cultural. Quer dizer, em termos de literatura, a obsessão de *criar* um *movimento* ou uma obra em que essa *regeneração simbólica* se cumprisse, transfigurando a miséria deprimente do “Portugal contemporâneo.”⁸

O objetivo de tentar “desentranhar do Portugal quotidiano, mesquinho e decepcionante, *um outro*, sob ele soterrado, à espera de oportunidade de irromper à luz do sol”⁹ tornou-se praticamente uma obsessão para os homens dessa geração e passou a ser a principal diretriz do projeto revolucionário de escritor de Eça de Queirós.

Precursor do realismo-naturalismo nas letras portuguesas, Eça de Queirós retratou a sociedade “tal como ela era”. Para o escritor, o fim da arte era, segundo Batalha Reis, “a reprodução exacta da Natureza, da realidade, impessoal, impassível”.¹⁰ Através de suas obras, “dissecou” a sociedade portuguesa e seus

⁷MARGATO, Izabel. “Tiranias da modernidade: Cenas de escárnio e maldizer em Eça de Queirós”. In Revista *Semear* 6, Rio de Janeiro: Instituto Camões/PUC-Rio, 2004, p.312.

⁸ LOURENÇO, Eduardo. Op.cit., p. 87.

⁹ Ibid., p. 92-3.

¹⁰ QUEIRÓS, Eça de. “Introdução de Jaime Batalha Reis”, Setembro de 1903. Op.cit., p.45.

“vícios”, expôs seus “defeitos”, com o objetivo de transformá-la, modernizá-la. De acordo com os estudos de Benjamin Abdala Junior, os escritores realistas são “embalados pelas aspirações de uma literatura de intervenção social”¹¹.

[...] o autor realista, preocupado em fazer da literatura uma forma de consciência de uma realidade que precisaria ser transformada, deveria estar imbuído de um princípio que pudesse ensejar ação (político-social), sem tolher a imaginação criadora.¹²

Partindo desse critério, a arte realista não tem somente a função de auto-satisfação que, procurando apenas a expressão do belo, conserva absoluta independência, mas antes está a serviço dos interesses do grupo, da coletividade, possuindo, assim, intenção pedagógica, social e moral. Segundo António Saraiva:

[...] o artista é um homem, ou seja, membro de um grupo: a obra de arte tem de ter por finalidade os interesses do grupo – isto é, a sua elevação moral. Como: mostrando-lhe a realidade. Mostrar o que é na realidade o adultério e suas conseqüências morais e sociais é a melhor defesa contra o adultério. [...] ¹³

O tom que Eça utilizou para mostrar e tentar transformar essa realidade foi a ironia, a ridicularização. Para ele, suas obras realistas tinham o objetivo de:

[...] fazer a fotografia do velho mundo burguês sentimental, devoto, católico, explorador, aristocrático, etc.; apontando-o ao escárnio, à gargalhada, ao desprezo do mundo moderno e democrático – preparar a sua ruína. ¹⁴

O símbolo da fotografia para descrever o projeto de sua obra é pertinente, visto que o autor baseava-se na concepção da arte realista como uma “**reprodução exata** da natureza”.

A proposta de Eça de fazer um “inquérito à vida portuguesa”, uma investigação profunda, retratando o “mundo burguês, sentimental, devoto, católico,

¹¹JUNIOR, Benjamin Abdala. “Eça de Queirós, entre a observação, a experiência e a imaginação: Repertório realista em trânsito”. In Revista *Semear* 6, Rio de Janeiro: Instituto Camões/PUC-Rio, 2004, p.55.

¹² Ibid., p. 45.

¹³ SARAIVA, António José. *As idéias de Eça de Queirós*. Lisboa: Gradiva, 2000, p. 104.

¹⁴ QUEIRÓZ, Eça de. “Carta a Rodrigues de Freitas”, de 30 de março de 1878. In *Novas cartas inéditas*. Rio de Janeiro: 1940, p.166.

explorador, aristocrático” e analisar os costumes, a política e a economia do Portugal de então, através do riso e da ironia fina e aguda, foi apresentada em uma advertência que introduz a publicação “Uma Campanha Alegre”:

Aí vão pois as minhas Farpas, a que dou agora o nome único que as define e justifica – Uma Campanha Alegre. Não há aí, com efeito, senão uma transbordante alegria, empenhada numa campanha intrépida. Todo este livro é um riso que peleja. Que peleja por aquilo que eu supunha a Razão. Que peleja contra aquilo que eu supunha a Tolice.¹⁵ [...]

[...] Nós não quisemos ser cúmplices na indiferença universal. E aqui começamos, sem azedume e sem cólera, a apontar dia por dia o que poderíamos chamar – o progresso da decadência.¹⁶

A finalidade d’*As Farpas* foi, através do riso -- que, segundo Eça, é “a mais antiga, e ainda mais terrível forma de crítica”¹⁷, pois “é a mais acessível à multidão”, não apenas dirigindo-se “ao letrado e ao filósofo, mas à massa, ao imenso público anônimo”¹⁸ – a de criticar o que o escritor acreditava ser a dissolução dos costumes, a corrupção dos caracteres, a estagnação da vida moral e intelectual para corrigir a sociedade, incentivando uma “regeneração” social e política, não sendo assim “cúmplice na indiferença nacional”. Indiferença essa que, de acordo com suas idéias, era fruto da “aceitação passiva das opiniões opostas, do apagamento das faculdades críticas, por preguiça de exame”¹⁹. Na opinião do escritor Francisco Werneck, por conhecer bem “os defeitos de seu país” e atribuir aos demais países “qualidades superiores de civilização”, Eça de Queirós “julgo que prestava maior serviço à pátria, atacando e procurando demolir costumes e instituições que supunha fora da verdade e da justiça”. Para isso, “adotou o *humorismo*, como cáustico curativo; fez a apologia do *riso*, que dizia ser ‘uma filosofia, muitas vezes a salvação’”²⁰.

Faz-se necessário esclarecer que a maioria dos artigos d’*As Farpas* é de autoria de Ramalho Ortigão, pois Eça, apesar de também diretor e colaborador da

¹⁵ QUEIRÓS, Eça de. “Uma Campanha alegre”. Op.cit., p. 7.

¹⁶ Ibid., p.10.

¹⁷ QUEIRÓS, Eça de. “Carta a Joaquim de Araújo”, de 25 de Fevereiro de 1878. In *Notas Contemporâneas*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, 2000, p.26.

¹⁸ Ibid., p.36.

¹⁹ Ibid., p. 27.

²⁰ WERNECK, Francisco José dos Santos. *As idéias de Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1946, p. 42.

publicação, partira para a América. Como nos informa o historiador José-Augusto França: “As Farpas apareceram até 1883, em quatro séries, mas tendo Eça partido para a América, no começo da sua carreira diplomática, Ramalho ficara sozinho diante desta tarefa crítica, ao mesmo tempo obra de demolição e construção.”²¹

Os artigos escritos por Eça foram reunidos, em 1890, quase vinte anos após o início das *Farpas*, em 1871, sob o título de “Uma Campanha alegre”. Entretanto, o escritor relativizava sua importância e participação, considerando os artigos de Ramalho mais válidos: “[...] Eu era um diletante de oposição. E para Ramalho Ortigão as ‘Farpas’ eram *a sua obra*: iam já tomando, para ele, a gravidade de uma missão.”²²

Não deixava de haver uma razão o fato de Eça de Queirós afirmar que “Ramalho, só, fez as novas ‘Farpas’, as boas, as grandes, as ilustres.”²³. Os dois escritores partilhavam dos mesmos ideais revolucionários e, principalmente, “perseguiram” incansavelmente “os vícios portugueses”, como nos revela uma descrição do trabalho de Ramalho Ortigão feita por Eça:

Tem perseguido, sem descanso, os vícios portugueses – pequenos e grandes. Não os deixa: ora vergastando-os com sarcasmos, ora persuadindo-os com reflexões. As vaidades do falso janotismo, os hábitos dissolventes do namoro, a dependência do patrocínio, as educações atrofiadoras, o sentimentalismo mórbido, o desleixo dos interiores domésticos, a religião por chique, a porcaria inveterada, etc., etc., tudo tem procurado destruir pela ironia e pelo argumento, pela troça e pela lógica.²⁴

Antes de prosseguirmos, achamos indispensável retornar ao período em que Eça era estudante em Coimbra. Foi na Universidade que conheceu Antero de Quental, com quem posteriormente, em Lisboa, integrou o Cenáculo e desenvolveu seu ódio pelo burguês, que simbolizava, segundo António Saraiva, a “materialidade dos tempos, da civilização exclusivamente mercantil e industriosa que se desenvolve em face do sonho e boémia dos homens de letras e artistas”²⁵. Foi lá também que entrou em contato com autores como Hugo, Heine, Nerval, Michelet, Darwin, Goethe,

²¹ FRANÇA, José-Augusto. *Op.cit.*, p. 468.

²² QUEIRÓZ, Eça de. “Carta a Joaquim de Araújo”, de 25 de Fevereiro de 1878. *Op.cit.*, p.28.

²³ *Ibid.*, p. 29.

²⁴ *Ibid.*, p. 32.

²⁵ SARAIVA, António José. *Op.cit.*, p. 75.

Balzac, Proudhon, Taine e, conseqüentemente, com as idéias revolucionárias dos principais países europeus. Foi na Universidade, portanto, que despertou para a vida intelectual e literária. Recebeu a modernidade e a civilização por meio das obras que as estradas de ferro traziam e, percebendo mais do que nunca o abismo que separava aqueles países “modernos” das “atrasadas e inferiores” terras lusitanas, de acordo com os parâmetros da época, não viu outra solução a não ser colocar-se “a serviço da pátria, servindo-se da ironia, como arma na luta de princípios”²⁶, para tentar “corrigir os erros” e “demolir os falsos princípios”, que considerava “fora da verdade e da justiça”. De acordo com Francisco Werneck,

Deslumbrado pelo quadro da civilização desses países, que mais alta ainda lhe parecia, vista apenas através da literatura, tendo, por outro lado, no horizonte que podia distinguir em torno de si, um outro quadro contrastante de atraso material e inferioridade mental – que poderia fazer um espírito brilhante, animoso, intemerato, como aquele de que foi dotado o homem da Póvoa de Varzim? Tentar corrigir os erros, procurar demolir os falsos princípios, que sinceramente julgava fora da verdade e da justiça! E nisso revelava um extraordinário patriotismo, porque a acomodação interesseira é que seria indigna. [...] ²⁷

Depois de entrar em contato com esses autores e suas idéias que, como nos diz Eça em sua crítica, tanto contrastavam com a “inferioridade” mental do povo português, que jazia “no marasmo, sem vida intelectual, alheio a toda ideia nova, hostil a toda a originalidade, crasso e mazorro”²⁸, o autor passou a ser o “representante” dessas idéias em Portugal:

É provável que Eça de Queirós seja o representante e intérprete de certo número de ideias colectivas, quero dizer, correntes em determinada época, num determinado meio. O interesse do estudo das suas ideias está talvez nisto: revelar-nos numa fórmula perfeita as ideias colectivas de certo grupo social num certo momento histórico.²⁹

Segundo José-Augusto França, o conhecimento de Eça sobre sociologia e socialismo foi originário de Proudhon, assim como a teoria de que a arte deveria

²⁶ WERNECK, Francisco José dos Santos. Op.cit., p. 369.

²⁷ Ibid., p. 369.

²⁸ QUEIRÓS, Eça de. “O Brasil e Portugal”. Op.cit., p. 170.

²⁹ SARAIVA, António José. Op.cit., p. 56.

“ultrapassar os fins meramente egoístas ou estéticos”³⁰. O autor também defendia a idéia determinista de Taine, recorrente no século XIX e adotada pelos escritores do realismo-naturalismo, de que o homem é fruto do meio em que vive e da origem hereditária que carrega, tendo seu caráter moldado por esses elementos.

Eça tentou uma síntese destas duas noções diferentes: o artista deve dar expressão à sua própria época e ao seu próprio meio, a fim de que os leitores ganhem consciência desse meio e época. Assim a arte será a expressão do meio próprio; e contribuirá para o aperfeiçoamento dos leitores precisamente por lhes tornar conhecido esse meio, dando-lhes possibilidades de se elevarem para além dele. Dentro deste pensamento Eça vai iniciar um inquérito à vida portuguesa do seu tempo.³¹

As propostas ideológicas de Eça estão esboçadas em suas cartas, em seus artigos d'*As Farpas* e na sua Conferência do Casino e são demonstradas praticamente em seus romances.

Eça de Queirós aceita certo número de ideias bem definidas e nitidamente formuladas; com essas ideias constrói os seus contos e os seus romances, dominando inteiramente os personagens.³²

Dando suporte ao desenvolvimento de teses, o autor construiu os seus romances, fazendo, em alguns momentos, uma caricatura da sociedade e nos apresentando tipos que representavam a vida social, política e moral de seu país.

É durante a fase realista de sua obra, quando vieram à luz os romances *O Crime do Padre Amaro* (1876), *O primo Basílio* (1878) e, mais tarde, *Os Maias* (1888), que Eça de Queirós, imbuído das idéias revolucionárias e tendências libertárias dos principais países europeus e, principalmente, do já referido socialismo de Proudhon, que contrastavam com o conservadorismo dominante em Portugal, arrastado por uma “gente provinciana e de espírito mesquinho”, como afirma várias vezes, resolveu fazer um painel da sociedade portuguesa de sua época, criar uma “galeria de quadros”, as famosas *Cenas da vida portuguesa*. Essa idéia de reunir alguns romances sob um mesmo tema foi, provavelmente, inspirada em Balzac, escritor francês do século XIX, que fez um painel do seu século ordenando suas obras

³⁰ SARAIVA, António José. Op.cit., p. 104.

³¹ Ibid., p. 107.

³² Ibid., p. 107.

em três partes: “estudos dos costumes”, “estudos analíticos” e “estudos filosóficos”. Os “estudos dos costumes” foram subdivididos em seis séries temáticas e classificados como: “Cenas da vida privada”, “Cenas da vida de província”, “Cenas da vida parisiense”, “Cenas da vida política”, “Cenas da vida militar” e “Cenas da vida rural”.

As “cenas” de Eça de Queirós são compostas principalmente por personagens que lhe permitiam ironizar certos comportamentos e atitudes característicos da burguesia lisboeta da época, muitas delas vistas de uma forma caricatural pelo autor. Apontando os males da sociedade e, principalmente, tentando corrigi-los, Eça serviu ao seu país e, segundo Francisco Werneck, elevou “a consciência nacional pela dignidade das letras e das artes e, com sua ação reflexa, todas as forças propulsoras do seu progresso.”³³

Eça de Queirós contribuiu para a reforma das instituições, através da crítica aos “vícios” da sociedade portuguesa contida em suas obras, que se tornaram instrumentos concretos de acusação.

³³ WERNECK, Francisco José dos Santos. Op.cit., p. 97.

4.2

“A bengalada do homem de bem”

Simplesmente, a função de *aparato* e *aparência* até então confirmada nos limites de uma casta mais ou menos anacrônica e ignara alarga-se com a promoção da burguesia a classe dirigente e começa pouco a pouco a tocar a pequena e média burguesias, como toca a poesia de Cesário, deslumbrado e fascinado pelos reflexos sociais desse *aparato*, de sobra o documenta. E assim, lenta e inexoravelmente, a mentalidade de uma classe ociosa e sem finalidade transcendente, desce e se infiltra nos interstícios da sociedade portuguesa no seu conjunto como sociedade em perpétua defasagem entre o que é e o que quer parecer, defasagem até certo ponto comum a todas as sociedades existentes, mas não como a nossa, sacrificando, até os limites da inconsciência, o que é, ao que quer parecer.³⁴

Eduardo Lourenço

O romance das “Cenas da vida portuguesa” que escolhemos para analisar e ilustrar o projeto intelectual de Eça de Queirós para a modernização de Portugal foi *O primo Basílio*, obra publicada em 1878 que teve grande acolhimento por parte do público. Como nos informa José-Augusto França: “*O primo Basílio* conheceu um sucesso inabitual e inesperado: três mil exemplares vendidos num mês e uma segunda edição publicada logo a seguir.”³⁵

O romance em questão constitui uma crítica contundente, destinada à pequena burguesia, à classe média lisboeta que, segundo o autor, definia-se primordialmente pela “hipocrisia”, “ociosidade”, “falso moralismo” e “futilidade.” A finalidade dessa crítica de Eça é explicada em carta ao futuro presidente da República Portuguesa, Teófilo Braga, seu amigo e colega, e também doutrinário do realismo:

A minha ambição seria pintar a Sociedade portuguesa, tal qual fez o constitucionalismo de 1830 – e mostrar-lhe, como num espelho, que triste país eles formam – eles e elas. É o meu fim nas *Cenas da Vida Portuguesa*. É necessário acutilar o mundo oficial, o mundo sentimental, o mundo literário, o mundo agrícola, o mundo supersticioso – e com todo o respeito pelas instituições que são de origem

³⁴ LOURENÇO, Eduardo. Op. cit., p. 133.

³⁵ FRANÇA, José-Augusto. Op.cit., p. 490.

eterna, destruir as falsas interpretações e falsas realizações que lhes dá uma sociedade podre. Não lhe parece Você que um tal trabalho é justo?³⁶

Em suas “Cenas” e, especificamente, em *O primo Basílio*, o autor pretendia acutilar “o triste país” que, em sua opinião, era “decadente” e “atrasado” devido às políticas promovidas pelo constitucionalismo de 1830, ao gosto pela oficialidade, ao sentimentalismo romântico e à mentalidade agrícola e supersticiosa. No entendimento de Eça, urgia investigar e “destruir” as falsas bases em que se sustentava esse “mundo provinciano”, que tanto se afastava do mundo profundamente transformado pelas Revoluções Industrial e Cultural e pelo desenvolvimento tecnológico que tomara conta das grandes capitais da Europa.

Eça de Queirós, entretanto, não pretendia ridicularizar a sociedade apenas para provocar o riso em seus leitores. Tinha a intenção de, a partir de suas obras, realizar um “inquérito à sociedade portuguesa”, uma investigação profunda, dissecando seus hábitos e “vícios”, para corrigir e ensinar. Seu projeto era analisar os males da sociedade portuguesa, da burguesia do século XIX, para que esta, principal consumidora de romances na época, visse que “triste país” ela formava, a fim de que reconhecesse seus defeitos, se conscientizasse e, finalmente, alterasse seu comportamento. Os julgamentos irônicos de Eça tinham, então, uma intenção moral e socialmente pedagógica. Por ser uma obra realista, as descrições minuciosas que encontramos em *O primo Basílio* funcionam como uma espécie de diagnóstico das mazelas sociais, onde as personagens são frutos da herança social, das circunstâncias históricas da época.

Eça, com seu olhar agudo e, muitas vezes, corrosivo, criticava essa sociedade principalmente através de personagens que lhe permitiam ironizar certos comportamentos e atitudes característicos da época. A criação dessas personagens denuncia e acentua a função de *O primo Basílio* como arma de combate social, como “livro de ensinamentos” que, por outro lado, é capaz de revelar o repertório das idéias do autor.

³⁶QUEIRÓZ, Eça de. “Carta a Teófilo Braga”, 12 de Março de 1878. In *Correspondência*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, 2000, p. 35.

Comparando *O primo Basílio* com dois de seus principais romances realistas, ambos parte do projeto das “Cenas da Vida Portuguesa”, onde o escritor pretendia retratar os diferentes segmentos da sociedade, podemos afirmar que *O primo Basílio* possui um espaço geográfico mais alargado e politicamente mais significativo do que *O Crime do Padre Amaro*, sendo, entretanto, mais restrito do que o romance *Os Maias*.

Ao contrário de um ambiente social restrito, que nos é apresentado em *O Crime do Padre Amaro*, cuja crítica está dirigida para “o medíocre baixo clero e o universo provinciano”, em *O primo Basílio*, o universo é um pouco mais alargado, já que a análise e a crítica se destinam à pequena burguesia, à classe média lisboeta. A construção de *Os Maias*, obra mais elaborada do escritor, na opinião de vários críticos, revela um espaço mais amplo e bem definido. É nesse romance que ele retoma e aprofunda muitas das questões já abordadas em outras obras. A pena eciana irá observar e analisar os diferentes segmentos da sociedade portuguesa da segunda metade do século XIX através da lente da alta burguesia, de um seleto grupo de fidalgos que frequenta o Ramalhete, personagens mais definidos e elaborados.

Em *O primo Basílio*, o segmento da sociedade a ter suas mazelas expostas, dissecadas e ironizadas ambienta-se na capital, na cidade de Lisboa, que é o espaço por onde transitam as personagens e onde elas expõem suas condições sócio-econômicas e históricas. O autor disseca as deformações da sociedade lusitana, analisando com uma lente de aumento as famílias da classe média de uma Lisboa na metade do século XIX.

Através dessa obra, entramos em contato com o panorama da vida social da época, em que é enfocada a típica família da pequena burguesia lisboeta, apresentada aos leitores através de um lar burguês aparentemente feliz e perfeito, mas apoiado em “bases falsas” e igualmente “podres”.

Eça de Queirós critica, principalmente, umas das instituições consideradas como das mais sólidas -- o casamento -- e mostra a dissolução, pelo adultério, da família burguesa, da “família lisboeta produto do namoro, reunião desagradável de egoísmos que se contradizem, e, mais tarde ou mais cedo, centro de bambochata.”³⁷ A

³⁷ QUEIRÓZ, Eça de. “Carta a Teófilo Braga”, 12 de Março de 1878, op.cit., p. 34-35.

dissolução da família é protagonizada pelo triângulo amoroso formado por Luísa, Jorge e Basílio e tem como figurantes a sociedade que os cerca.

Na mesma carta a Teófilo Braga³⁸, Eça de Queirós esclarece que não “ataca” a família em geral, e sim, a família lisboeta, e afirma que, nesse “episódio doméstico”, quem estiver familiarizado com a burguesia de Lisboa, encontrará pessoas reconhecíveis, visto que, como nos diz o autor em sua crítica, a sociedade era “notável *pela sua uniformidade* e por lhe faltarem justamente os tipos de destaque e de alto-relevo”³⁹. Eça faz também comentários acerca de alguns personagens do romance. Nesse “quadro doméstico” lisboeta, encontramos Luísa, a jovem “sentimental”, espiritual e moralmente “mal-educada”, “arrasada de romances”, “sobreexcitada pela ociosidade e luxúria” e “nervosa pela falta de exercício”, enfim, a “burguesinha da baixa”; Basílio, o amante insensível e tirânico, que está à procura de aventura e do “amor grátis” e Juliana, a criada revoltada com sua condição social e “ávida de desforra”. O grupo social que envolve essas personagens é formado pelo Conselheiro Acácio, que representa o “formalismo oficial”; por D. Felicidade, representante do fanatismo religioso, da “beatice parva”; por Ernestinho, que representa a “literaturinha acéfala”; por Julião, que representa “o descontentamento e tédio da profissão”, e o pelo “bom Sebastião”. Assim como Jorge, o marido bondoso e conservador, alguns personagens menores como o Visconde Reinaldo, amigo de Basílio; Saavedra e Alves, amigos do Conselheiro Acácio; Castro, o banqueiro; Leopoldina, amiga de Luísa; Joana e outros criados não foram mencionados.

A expressiva vizinhança de Luísa também fora excluída do comentário de Eça. Todas essas personagens, mais ou menos expressivas, mais ou menos caricaturais, formam uma “galeria de tipos”, caracterizados pela ausência de virtudes, movidos por sentimentos fúteis e mesquinhos e envolvidos em relações amorosas com motivações vulgares ou medíocres. Após enumerar o “grupo social” que, “em Lisboa, compõe-se com pequenas modificações, destes elementos dominantes”⁴⁰, Eça reafirma seu projeto revolucionário em relação à obra:

³⁸ QUEIRÓZ, Eça de. “Carta a Teófilo Braga”, 12 de Março de 1878, op.cit., p. 34-35.

³⁹ Id. “Carta a Mariano Pina”, 27 de Julho de 1888. In *Correspondência*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, 2000, p. 128.

⁴⁰ Id. Carta a Teófilo Braga, 12 de Março de 1878, op.cit.,p. 34-35.

Uma sociedade sobre estas falsas bases não está na verdade: atacá-las é um dever. E neste ponto, *O primo Basílio* não está inteiramente fora da arte revolucionária, creio. Amaro é um empecilho, mas os Acácios, os Ernestos, os Saavedras, os Basílios, são formidáveis empecilhos: são uma bem bonita causa de anarquia no meio da transformação moderna: merecem partilhar com o *Padre Amaro* da bengalada do homem de bem.⁴¹

Essa “bengalada” no que Eça considerava uma “anarquia no meio da transformação moderna”, influenciado, sobretudo, pelas idéias que havia assimilado de seus mestres, foi metaforizada na construção de suas personagens, mas também foi “esboçada” em suas cartas e em suas crônicas d’*As Farpas*. O escritor cravou sua “farpa” na educação doméstica e romântica, na ociosidade e vaidade das mulheres burguesas de Portugal, e na sua conseqüente aptidão para o adultério (representadas no romance pela figura de Luísa); na vida vazia, materialista e medíocre do burguês (representada por Jorge e Julião); no verbalismo e na educação oficial do político (representados pelo Conselheiro Acácio) e no ultra-romantismo “decadente” e “ultrapassado” (representado por Ernestinho).

Dentro deste panorama, a crítica que ganha maior relevo em *O primo Basílio* é a feita à família burguesa, constituída no romance por Luísa e Jorge que, por terem construído um casamento apoiado em bases falsas, sofrerão graves conseqüências.

Jorge e Luísa formam o que se poderia convencionalmente chamar de “um casal feliz”. O marido é bondoso, gentil e apaixonado, porém a jovem e bela Luísa aprecia a segurança que o casamento oferece. Casou por conveniência, não financeira, mas sentimental, pois não amava Jorge, e sim, sentia-se segura com ele, confortável em sua casinha, com sua vidinha doméstica: “E sem o amar, sentia ao pé dele como uma fraqueza, uma dependência e uma quebreira, uma vontade de adormecer encostada ao seu ombro, e de ficar assim muitos anos, confortável, sem receio de nada.”⁴²

Jorge é engenheiro; homem prático, simples, caseiro e pacato. Seu personagem representa o funcionário público excessivamente correto e conservador. É o típico burguês, materialista e de vida vazia, tão criticado por Eça de Queirós.

⁴¹ QUEIRÓZ, Eça de. Carta a Teófilo Braga, 12 de Março de 1878, op.cit.,p. 34-35.

⁴² Id. *O primo Basílio*. São Paulo: Klick Editora, 2000, p. 22.

Ele nunca fora sentimental; os seus condiscípulos, que liam Alfred de Musset suspirando e desejavam ter amado Margarida Gautier, chamavam-lhe proseirão, burguês; Jorge ria; não lhe faltava um botão nas camisas; era muito escarolado; admirava Luís Figuiier, Bastiat e Castilho, tinha horror a dívidas, e sentia-se feliz.⁴³

Jorge tem aparições curtas, pois na maior parte do romance está a serviço no Alentejo, porém é sempre mencionado nas conversas dos amigos e, principalmente, sua presença se faz sentir pelo papel social que representa: é o marido. Possui uma condição econômica confortável, o que para um pequeno burguês conservador, caseiro e pacato, era mais do que suficiente. Não tem sonhos grandiosos, contenta-se em ter sua vida estabilizada, um bom emprego e em partilhar de um lar confortável com sua esposa:

Estavam casados havia três anos. Que bom que tinha sido! Ele próprio melhorara; achava-se mais inteligente, mais alegre... E recordando aquela existência fácil e doce, soprava o fumo do charuto, a perna traçada, a alma dilatada, sentindo-se tão bem na vida como no seu jaquetão de flanela!⁴⁴

Seu único desgosto era não ter filhos, pois acha que “todo o casal bem organizado deveria ter dois filhos ou pelo menos um”⁴⁵. No entanto, vivia feliz com a esposa, que “saiu muito boa dona de casa; tinha cuidados muito simpáticos nos seus arranjos; era asseada, alegre como um passarinho, como uma passarinha amiga do ninho e das carícias do macho”⁴⁶, e sabe que, mais cedo ou mais tarde, “aquele serzinho louro e meigo [que] veio dar à sua casa um encanto sério”⁴⁷ lhe daria uma criança. Mesmo sem filhos, a vida para Luísa “aparecia-lhe infindável, de uma doçura igual, atravessada do mesmo enternecimento amoroso, quente, calma e luminosa como a noite que os cobria”⁴⁸.

Por não trabalhar, não ter filhos, nem ter uma ocupação produtiva e interessante, Luísa, descrita como “um anjinho cheio de dignidade”⁴⁹ pelo amigo do

⁴³ QUEIRÓS, Eça de. *O primo Basílio*. São Paulo: Klick Editora, 2000, p. 13.

⁴⁴ P.14. A partir desta indicação, as referências relativas a trechos deste livro terão apenas a indicação das respectivas páginas.

⁴⁵ P. 51

⁴⁶ P. 14

⁴⁷ P. 14

⁴⁸ P. 56-7

⁴⁹ P. 14

casal, Sebastião, é ociosa e possui uma vida monótona, principalmente quando está sozinha em casa.

Luísa espreguiçou-se. Que seca ter de se ir vestir! Desejaria estar numa banheira de mármore cor-de-rosa, em água tépida, perfumada, e adormecer! Ou numa rede de seda, com as janelas cerradas, embalar-se, ouvindo música! Sacudiu a chinelinha; esteve a olhar muito amorosamente o seu pé pequeno, branco como leite, com veias azuis, pensando numa infinidade de coisinhas: - em meias de seda que queria comprar, no farnel que faria a Jorge para a jornada, em três guardanapos que a lavadeira perdera...⁵⁰

Porém, não é só Luísa que possui uma vida monótona. Um dia de domingo do casal é descrito pelo autor através de palavras e expressões como “silêncio recolhido e sonolento”, “quebreira”, “zumbido monótono”, “rumor dormente”:

A sala esteirada, alegrava, com seu teto de madeira pintado a branco, o seu papel claro de ramagens verdes. Era em julho, um domingo; fazia um grande calor; as duas janelas estavam cerradas, mas sentia-se fora o sol faiscar nas vidraças, escaldara pedra da varanda; havia o silêncio recolhido e sonolento de manhã de missa; uma vaga quebreira amolentava, trazia desejo de sestras, ou de sombras fofas debaixo de arvoredos, no campo, ao pé da água; nas duas gaiolas, entre as bambinelas de cretone azulado, os canários dormiam; um zumbido monótono de moscas arrastava-se por cima da mesa, pousava no fundo das chávenas sobre o açúcar mal derretido, enchia toda a sala de um rumor dormente.⁵¹

A natureza e a paisagem que envolvem Luísa e Jorge e, sobretudo, a vizinhança são “melancólicas”, como se o pano de fundo da vida do casal fosse também sonolento e monótono. Analisando de forma mais aguda essa “monotonia” e “ociosidade”, características da burguesia portuguesa, segundo as idéias do autor, merece destaque a descrição de um típico domingo lisboeta:

Gente endomingada começava a recolher, com um ar derreado do longo passeio, as botas empoeiradas; mulheres de xale, vindas das hortas, traziam ao colo as crianças adormecidas da caminhada e do calor; velhos plácidos, de calça branca, o chapéu na mão, gozavam a frescura, dando um giro no bairro: pelas janelas, bocejava-se; o céu tomava uma cor azulada e polida, como uma porcelana; um sino repicava a [sic]

⁵⁰ P. 17

⁵¹ P. 11

distância o fim de alguma festa de igreja; e o domingo terminava, com uma serenidade cansada e triste.⁵²

Vivendo nesse ambiente limitado, envolto por uma “serenidade cansada e triste”, Luísa desfruta de raros momentos de prazer, sendo um deles a leitura de seus romances românticos, que a fazem sonhar com aventuras amorosas e ampliam seus horizontes, criando um espaço imaginário que lhe parecia mais atraente que sua vidinha doméstica lisboeta.

Era a *Dama das camélias*. Lia muitos romances; tinha uma assinatura, na Baixa, ao mês. Em solteira, aos dezoito anos entusiasmara-se por Walter Scott e pela Escócia; desejara então viver num daqueles castelos escoceses, que têm sobre as ogivas os brasões do clã, mobiliados com arcos góticos e troféus de armas, forrados de largas tapeçarias, onde estão bordadas legendas heróicas, que o vento do lago agita e faz viver; e amara Ervandalo, Morton e Ivanhoé, ternos e graves, tendo sobre o gorro a pena de águia, presa ao lado pelo cardo de Escócia de esmeraldas e diamantes. Mas agora era o *moderno* que a cativava: Paris, as suas mobílias, as suas sentimentalidades. Ria-se dos trovadores, exaltara-se por Mr. de Camors; e os homens ideais apareciam-lhe de gravata branca, nas ombreiras das salas de baile, com um magnetismo no olhar, devorados de paixão, tendo palavras sublimes. Havia uma semana que se interessava por Margarida Gautier; o seu amor infeliz dava-lhe uma melancolia enevoada; via-a alta e magra, com o seu longo xale de caxemira, os olhos negros cheios de avidez da paixão e dos ardores da tísica; nos nomes mesmo do livro - Júlia Duprat, Armando, Prudência, achava o sabor poético de uma vida intensamente amorosa; e todo aquele destino se agitava, como numa música triste, com ceias, noites delirantes, aflições de dinheiro, e dias de melancolia no fundo de um *coupé* quando nas avenidas do Bois, sob um céu pardo e elegante, silenciosamente caem as primeiras neves.⁵³

O escritor Francisco José Werneck nos apresenta uma síntese da criação e dos hábitos de Luísa:

Sua educação fora bem pouco cuidada. No colégio o ensino fora nulo. Pior isso: quando a depravada Leopoldina, antiga colega, a procurava, falavam dos *sentimentos* com saudade, daquelas afeições exaltadas entre meninas, com beijos furtados, olhares, bilhetinhos, etc. Lia romances, entusiasmava-se pelos seus heróis.⁵⁴

Esses fatores influenciarão na dissolução de seu casamento, segundo a tese de Eça de Queirós.

⁵² P.34

⁵³ P. 17-18

⁵⁴ WERNECK, Francisco José dos Santos. Op. cit., p. 231.

Jorge, por ser muito conservador e preocupado com as aparências e com a moral, proíbe que Leopoldina, a amiga “libertina” de Luísa, a visite, pois acha que ela impregna de imoralidade a sua doce, pura, honesta e recatada casinha; como podemos conferir nas palavras de Jorge:

- Ouve lá, é necessário que deixes por uma vez de receber essa criatura. É necessário acabar por uma vez!

- É por causa de ti! É por causa dos vizinhos! É por causa da decência!

- Minha rica filha, é que todo o mundo a conhece. É a Quebrais! É a Pão e Queijo! É uma vergonha!⁵⁵

Leopoldina encarna o avesso da moral da época:

[...] era a filha única do Visconde de Quebrais, o devasso, o caquético, que fora pajem de D. Miguel. Tinha feito um casamento infeliz com um João Noronha, empregado da alfândega. Chamavam-lhe a ‘Quebrais’; chamavam-lhe também a ‘Pão e Queijo’⁵⁶.

Fora criada com Luísa, portanto, ambas obtiveram a mesma educação falha. Reconhecida pelo seu comportamento vulgar, fuma e possui vários amantes, o que escandaliza toda a sociedade: “Sabia-se que tinha amantes, dizia-se que tinha vícios. Jorge odiava-a. E dissera muitas vezes a Luísa: ‘Tudo, menos a Leopoldina!’”⁵⁷ Luísa a recebe e visita às escondidas. E quando estão juntas conversam sobre temas fúteis: “E começaram a falar de *toilettes*, fazendas, lojas e preços... Depois, de conhecidas, de outras senhoras, de boatos - perdendo-se numa conversa de mulheres sós, miudinha e divagada, semelhante ao ramalhar de folhagens”⁵⁸; ou libertinos, como nos revela a citação abaixo:

Era muito indiscreta, falava muito de si, das suas sensações, da sua alcova, das suas contas. Nunca tivera segredos para Luísa; e na sua necessidade de fazer confidências, de gozar a admiração dela, descrevia-lhe os seus amantes, as opiniões deles, as maneiras de amar, os tiques, a roupa, com grandes exagerações! Aquilo era sempre muito picante, cochichado ao canto de um sofá, entre risinhos; Luísa costumava

⁵⁵ P. 31

⁵⁶ P. 23

⁵⁷ P. 23

⁵⁸ P. 166

escutar, toda interessada, as maçãs do rosto um pouco envergonhadas, pasmada, saboreando, com um arzinho beato. Achava tão curioso!⁵⁹

Uma das principais críticas do autor destina-se à futilidade e à mediocridade das conversas entres as mulheres burguesas de Portugal.

Luísa, por não possuir opinião formada e personalidade forte, oscila entre as opiniões do marido e a sua afeição pela amiga, que diz estar sempre “atrás da paixão”:

Às vezes na sua consciência achava Leopoldina "indecente"; mas tinha um fraco por ela: sempre admirara muito a beleza do seu corpo, que quase lhe inspirava uma atração física. Depois desculpava-a: era tão infeliz com o marido! Ia atrás da paixão, coitada! E aquela grande palavra, faiscante e misteriosa, de onde a felicidade escorre como a água de uma taça muito cheia, satisfazia Luísa como uma justificação suficiente: quase lhe parecia uma heroína; e olhava-a com espanto como se consideram os que chegam de alguma viagem maravilhosa e difícil, de episódios excitantes. Só não gostava de certo cheiro de tabaco misturado de feno, que trazia sempre nos vestidos. Leopoldina fumava.⁶⁰

No entanto, podemos dizer que Leopoldina é uma das personagens mais “inocentes” do romance, pois é fruto de uma educação sentimental, e diferentemente de Luísa, vive um casamento infeliz; seu marido não é bondoso, carinhoso e gentil como Jorge. Além disso, age conscientemente e não se esconde atrás de uma máscara de moralidade só para ser aceita pela sociedade, como várias outras personagens. Revolta-se com o fato de algumas mulheres adúlteras e amorais serem respeitadas pela sociedade e “passarem como sérias”, enquanto ela era repudiada: “Ai elas passam, passam. Lá passam. Passam. A questão é conhecer-lhes os podres, minha fidalga! [...]”

[...] E barrando de manteiga grandes fatias de pão, pôs-se a falar complacientemente dos escândalos de Lisboa, a desdobrar o sudário: citava nomes, especialidades, as que depois de terem feito o diabo gastam, numa devoção tardia, o resto de uma velha sensibilidade; que é por onde elas acabam, algumas é pelas sacristias! As que, cansadas decerto de uma virtude monótona, preparam habilmente o seu "fracasso" numa estação em Sintra ou em Cascais. E as meninas solteiras! Muito pequerrucho, por essas amas dos arredores, tem o direito de lhes chamar "mamã"! Outras mais prudentes, receando os resultados do amor, refugiam-se nas precauções da libertinagem... Sem contar as senhoras que, em vista dos pequenos ordenados, completam o marido com um sujeito suplementar! - Exagerava muito; mas odiava-as

⁵⁹ P. 25

⁶⁰ P. 26

tanto! Porque todas tinham, mais ou menos, sabido conservar a exterioridade decente que ela perdera, e manobravam com habilidade onde ela, a tola, tivera só a sinceridade! E enquanto elas conservavam as suas relações, convites para *soirées*, a estima da corte - ela perdera tudo, era apenas a Quebrais!...⁶¹

Essa situação, no meio do romance, também deixa Luísa indignada:

Na Rua Ocidental, viu vir a D. Camila - uma senhora casada com um velho, ilustre pelos seus amantes. Parecia grávida; e adiantava-se devagar, com a face branca satisfeita, uma lassitude do corpo arredondado, passeando um marmanjinho de jaqueta cor de pinhão, uma pequerrucha de sainhas tufadas, e adiante uma ama, vestida de lavradeira, empurrava um carrinho de mão onde um bebê se babava. E a Camila, feliz, vinha tranqüilamente pela rua expondo as suas fecundidades adúlteras! Era muito festejada; ninguém dizia mal dela; era rica, dava *soirées*... – “O que é o mundo!” - pensava Luísa.⁶²

O incômodo que a presença de Leopoldina causa no “honesto” lar do casal representa o comportamento burguês do século XIX e sua mentalidade. A preocupação com as aparências e com a decência era fator primordial nessa sociedade. Richard Sennett, em *O Declínio do Homem Público*⁶³, analisa essa classe que foi legitimada pelo século XIX. Segundo o autor:

As pessoas levavam seriamente em conta as aparências uma das outras nas ruas. Acreditavam poder esquadrihar o caráter daqueles que viam, mas o que viam eram pessoas vestidas com roupas cada vez mais homogêneas e monocromáticas. Descobrir uma pessoa através de sua aparência tornara-se, portanto, uma questão de procurar pistas nos detalhes do seu vestuário.⁶⁴

A leitura da personalidade através da aparência nascia da crença de que os objetos revelavam o caráter da pessoa. Em uma sociedade em que a mobilidade social tornou-se possível, a respeitabilidade, determinada pelo dinheiro e fundada na sorte, passou a ser adquirida repentinamente, portanto, também poderia ser perdida a qualquer momento, tornando indispensável a sua legitimação. Devido à ausência de “berço”, de “nome”, o *status* dos burgueses era definido e reconhecido através de detalhes da aparência e de alguns objetos e posses como carruagens, camarotes de assinatura, charutos, champanhe, que lhes permitiam a exibição de uma posição

⁶¹ P. 350-51

⁶² P. 253-254

⁶³ Cf SENNETT, Richard. *O declínio do homem público: as tiranias da intimidade*. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

⁶⁴ SENNETT, Richard. Op.cit., p. 203.

privilegiada. Além desses atributos, a dignidade burguesa também deveria ser construída a partir da constituição de um lar organizado, estável e seguro, representado por uma família honrada e rígida. Jorge e Luísa, apesar de não terem filhos, gozam de uma vida segura e organizada, e, apesar da horrível vizinhança, “a postos, ávida de mexericos⁶⁵, moram em uma casa própria. Jorge “estava acostumado à casa, era sua, tinha-a arranjado, era uma economia...”⁶⁶ Luísa também sentia-se feliz lá: “Não estava mal... A casa era pequena, mas muito cômoda. Pertencia-lhes.”⁶⁷

Dentro deste panorama, os objetos, os detalhes da aparência e a família honrada eram o conjunto de valores que construía a respeitabilidade, eram sua garantia. E esses fatores revelavam a personalidade das pessoas e demarcavam sua posição.

No romance, podemos verificar esses traços no olhar atento das personagens aos detalhes do vestuário e da aparência e ao comportamento dos outros, no apego e exibição de certos objetos e posses, na ambição de ascender socialmente e nos desejos das personagens, como, por exemplo, os de Luísa, que “ambicionava um *coupé*; e queria viajar, ir a Paris, a Sevilha, a Roma...”⁶⁸, e de Leopoldina, que eram mais vastos: “invejava uma larga vida, com carruagens, camarotes de assinatura, uma casa em Sintra, ceias, bailes, *toilettes*, jogo...”⁶⁹.

O desejo de ascensão social, cuja necessidade assume proporções bem maiores que os meros desejos de Luísa e Leopoldina, no romance, é representado por Julião e, com mais seriedade, por Juliana. Jorge é invejado por seu primo, médico medíocre, cheio de dívidas e entediado, que almeja a todo custo subir na profissão. Julião ambiciona “uma clientela rica, uma cadeira na Escola, um *coupé* para as visitas, uma mulher loura com dote”⁷⁰. Acha que a vida de Jorge é perfeita, pois ele tem um bom emprego, é estimado e bem casado, tem uma pequena fortuna e uma casa própria, o que “parecia-lhe uma injustiça e pesava-lhe como uma humilhação”⁷¹.

⁶⁵ P. 50

⁶⁶ P. 50

⁶⁷ P. 67

⁶⁸ P. 167

⁶⁹ P. 167

⁷⁰ P. 35

⁷¹ P. 36

No entanto, frequenta sua casa e mantém boas relações com o primo, na esperança de que esse contato algum dia possa tornar mais fácil a realização de seus sonhos.

Tinha certeza do seu direito a estas felicidades, e como elas tardavam a chegar ia-se tornando despeitado e amargo; andava amuado com a vida; cada dia se prolongavam mais os seus silêncios hostis, roendo as unhas; e, nos dias melhores, não cessava de ter ditos secos, tiradas azedadas - em que a sua voz desagradável caía como um gume gelado.⁷²

Além de Julião, outra figura que representa a inconformidade com sua condição é Juliana, considerada por muitos críticos como a personagem mais completa e acabada da obra. Sua inveja e vontade de ascensão social são levadas ao extremo. Odeia todos os patrões que já teve, é rancorosa e invejosa, pois não se conforma em ser criada.

Sempre fora invejosa; com a idade aquele sentimento exagerou e de um modo áspero. Invejava tudo na casa: as sobremesas que os amos comiam, a roupa branca que vestiam. As noites de *soirée*, de teatro, exasperavam-na. Quando havia passeios projetados, se chovia de repente, que felicidade! O aspecto das senhoras vestidas e de chapéu, olhando por dentro da vidraça com um tédio infeliz, deliciava-a, fazia-a loquaz:

- Ai, minha senhora! É um temporal desfeito! É a cântaros; está para todo o dia! Olha o ferro!⁷³

Juliana é o símbolo da amargura e do tédio em relação à profissão. Além disso, tem um despeito terrível por ser feia, virgem e solteirona.

E nunca tivera um homem; era virgem. Fora sempre feia, ninguém a tentara; e, por orgulho, por birra, com receio de uma desfeita, não se oferecera, como vira muitas, claramente. O único homem que a olhara com desejo tinha sido um criado de cavalaria, atarracado e imundo, de aspecto facínora; a sua magreza, a sua cuia, o seu ar domingueiro tinham excitado o bruto. Fitava-a com um ar de buldogue. Causara-lhe horror - mas vaidade. E o primeiro homem por quem ela sentira, um criado bonito e alourado, rira-se dela, pusera-lhe o nome de *Isca Seca*. Não contou mais com os homens, por despeito, por desconfiança de si mesma. As rebeliões da natureza, sufocava-as; eram *fogachos*, *flatos*. Passavam. Mas faziam-na mais seca; e a falta daquela grande consolação agravava a miséria da sua vida.⁷⁴

⁷² P. 35

⁷³ P. 78

⁷⁴ P. 79.

Não suporta o trabalho que tem que fazer na casa de Luísa: “o serviço dos engomados era pesado; Jorge e Luísa tomavam banho todos os dias, e era um trabalhão encher, despejar todas as manhãs as largas bacias de folha”; o lugar onde dorme: “um cubículo abafado” e a falta de regalias: “ao jantar não lhe davam vinho, nem sobremesa”⁷⁵. Morre de inveja de Luísa, a “piorrinha”, e sonha com a “desforra”, não hesitando em chantageá-la, por enxergar, enfim, uma possibilidade de mudar de vida.

Tenho sofrido muito, estou farta! ... Tenho passado anos e anos a ralar-me! Para ganhar meia moeda por mês, estafo-me a trabalhar, de madrugada até à noite, enquanto a senhora está de pânria! É que eu levanto-me às seis horas da manhã – e é logo engraxar, varrer, arrumar, labutar, e a senhora está muito regalada em vale de lençóis, sem cuidados, nem canseiras. Há um mês que me ergo com o dia, para meter em goma, passar, engomar! A senhora suja, suja, quer ir ver quem lhe parece, aparecer-lhe com tafularias por baixo e cá está a negra, com a pontada no coração, a matar-se com o ferro na mão! E a senhora, são passeios, tipóias, boas sedas, tudo o que lhe apetece – e a negra? A negra a esfalfar-se!⁷⁶

Além da amiga Leopoldina, por quem sente certa afeição, Luísa tem como “relações” os frequentadores da casa e, principalmente, do seu chá de domingo: Julião, Conselheiro Acácio, D. Felicidade, Ernestinho e Sebastião. De acordo com José-Augusto França, Eça de Queirós [...]

[...] em torno de Luísa reuniu exemplares típicos da vida social da capital, a um nível médio. Acácio, membro do Conselho do Estado, estava votado à celebridade: ficará na galeria das figuras nacionais como o símbolo dos altos funcionários de espírito vazio, respeitados pela solenidade das suas frases [...]⁷⁷

Conselheiro Acácio é, segundo Francisco Werneck, em concordância com a opinião do historiador, o “representante de uma classe de indivíduos solenes e ridículos, cheios de pose e vazios de idéias, fabricantes oficialmente registrados de frases feitas e pensamentos triviais.”⁷⁸ Amigo do pai de Jorge e padrinho do casamento, é um dos tipos mais famosos da galeria queirosiana. É símbolo da mediocridade e do convencionalismo, alvos da crítica eciana, e em seu comportamento destacam-se seu “passo aprumado e oficial” e suas frases feitas. Com

⁷⁵ P. 82

⁷⁶ P. 268

⁷⁷ FRANÇA, José-Augusto. Op.cit., p. 489.

⁷⁸ WERNECK, Francisco José dos Santos. Op.cit., p. 53.

a criação dessa personagem, o autor teve a intenção de criticar o verbalismo e a educação oficial do político.

Fora, outrora, diretor-geral do Ministério do Reino, e sempre que dizia "El-rei!" erguia-se um pouco na cadeira. Os seus gestos eram medidos, mesmo a tomar rapé. Nunca usava palavras triviais; não dizia *vomitar*, fazia um gesto indicativo e empregava *restituir*. Dizia sempre "o nosso Garrett, o nosso Herculano". Citava muito. Era autor. E sem família, num terceiro andar da Rua do Ferregial, amancebado com a criada, ocupava-se de economia política: tinha composto os *Elementos genéricos da ciência da riqueza e a sua distribuição, segundo os melhores autores*, e como subtítulo: *Leituras do serão!* Havia apenas meses publicara a *Relação de todos os ministros de Estado desde o grande Marquês de Pombal até nossos dias, com datas cuidadosamente averiguadas de seus nascimentos e óbitos*.⁷⁹

É defensor do governo e da monarquia, como nos revela o brinde que fez à Família Real, com lágrimas nos olhos:

Meus amigos, à família real! - e ergueu o copo - à família modelo, que sentada ao leme do Estado, dirige, cercada dos grandes vultos da nossa política, dirige... - Procurou o fecho; havia um silêncio ansioso - dirige... - Através das lunetas negras, os seus olhos cravavam-se, à busca da inspiração, na travessa da aletria - dirige... - Coçou a calva, aflito; mas um sorriso clareou-lhe o aspecto, encontrara a frase; e estendendo o braço - ... **dirige a barca da governação pública com inveja das nações vizinhas!** A família real!⁸⁰(Grifos nossos)

Em suas apreciações literárias, cita “nosso Garrett e nosso Herculano” e, no entanto, na vida privada, lê poemas obscenos de Bocage, encontrados por Julião em sua gaveta.

Acácio levou-o logo ao seu quarto e retirou-se discretamente. Julião, sempre curioso, observou, surpreendido, duas grandes litografias aos lados da cama - um *Ecce homo!* e a *Virgem das Sete Dores*. O quarto era esteirado, o leito baixo e largo. Abriu então a gavetinha da mesa de cabeceira, e viu, espantado, uma touca e **o volume brochado das poesias obscenas de Bocage!** Entreabriu os cortinados fechados; e teve a consolação de verificar que havia sobre o travesseiro **duas fronhazinhas chegadas de um modo conjugal e terno!**⁸¹ (Grifos nossos)

E suas obras, às quais sempre faz referência solene, foram descobertas intactas por Julião: “E enquanto se bebia o curaçau, Julião pé ante pé dirigiu-se ao escritório, e foi erguer a ponta do xale-manta pardo que tanto o preocupava; eram rumas de

⁷⁹ P. 39

⁸⁰ P. 337

⁸¹ P. 326-27

livros brochados, atadas com guitas - as obras do Conselheiro intactas!”⁸²

Além disso, Acácio representa o falso moralismo e o apego às aparências, característicos da burguesia do século XIX e igualmente alvos da crítica do autor. Apegado à tradição e aos valores familiares, na verdade, mantém um relacionamento secreto com a própria criada, Adelaide, que por sua vez é amante do “louro e meigo Arnaldo”⁸³, por trás da fachada de uma moralidade muito severa.

É através dos elogios que o Conselheiro faz aos “lares” de Lisboa que Eça deixa transpassar toda a sua ironia. Como, por exemplo, o elogio que faz às mulheres lisboetas, com ênfase em Luísa: “Assim eu, por exemplo, em todas as minhas relações em Lisboa, que são numerosas, graças a Deus, não conheço senão esposas modelos. - E com um sorriso cortês: - De que é decerto a flor a dona da casa”⁸⁴. O mesmo ocorre quando o Conselheiro exalta o lar honrado do casal: “Com o bom gênio de D. Luísa, com o seu, Jorge, neste bairro saudável, numa casa sem escândalos, sem questões de família, toda virtude, é natural que a criadagem menos favorecida aspire a uma posição tão agradável”⁸⁵. O que ele não imaginava (ou imaginava?) era que os criados se ofereceram para trabalhar na casa, pois ambicionavam as regalias de Juliana, todas fruto de sua chantagem sobre a patroa infiel.

Entretanto, a ironia do autor fica mais explícita no episódio em que Luísa entra na igreja para despistar o Conselheiro, pois estava atrasada para encontrar-se com o amante, e ele começa a louvar sua devoção, afirmando que “a falta de religião era a causa de toda a imoralidade que grassava...”⁸⁶

Outra figura do grupo social que envolve Luísa é D. Felicidade. Solteirona, escolhe como pretendente para um casamento tardio o Conselheiro Acácio. Este não corresponde ao seu interesse, procurando sempre evitá-la, não por ser “severo e pudico”, mas por ter um romance secreto. Reconhecida por sua beatice, D. Felicidade, no entanto, nutre uma paixão avassaladora pelo Conselheiro, chegando ao ponto de se impor penitências quando tem pensamentos “lascivos”.

⁸² P. 338

⁸³ P. 441

⁸⁴ P. 295

⁸⁵ P. 309-10.

⁸⁶ P. 236

Havia cinco anos que D. Felicidade o amava. Em casa de Jorge riam-se um pouco com aquela *chama*. Luísa dizia: "Ora! E uma caturrice dela!" **Viam-na corada e nutrida, e não suspeitavam que aquele sentimento concentrado, irritado semanalmente, queimando em silêncio, a ia devastando como uma doença e desmoralizando como um vício.** Todos os seus ardores até aí tinham sido inutilizados. Amara um oficial de lanceiros que morrera, e apenas conservava o seu daguerreótipo. Depois apaixonara-se muito ocultamente por um rapaz padeiro, da vizinhança, e vira-o casar. Dera-se então toda a um cão, o Bilro; uma criada despedida deu-lhe por vingança rolha cozida; o Bilro rebentou, e tinha-o agora empalhado na sala de jantar. A pessoa do Conselheiro viera de repente, um dia, pegar fogo àqueles desejos, sobrepostos como combustíveis antigos. Acácio tornara-se a sua mania: admirava a sua figura e a sua gravidade, arregalava grandes olhos para a sua eloquência, achava-o numa "linda posição". O Conselheiro era a sua ambição e o seu vício! Havia sobretudo nele uma beleza, cuja contemplação demorada a estonteava como um vinho forte: era a calva. Sempre tivera o gosto perverso de certas mulheres pela calva dos homens, e aquele apetite insatisfeito inflamara-se com a idade. Quando se punha a olhar para a calva do Conselheiro, larga, redonda, polida, brilhante às luzes, uma transpiração ansiosa umedecia-lhe as costas, os olhos dardejavam-lhe, tinha uma vontade absurda, ávida de lhe deitar as mãos, palpá-la, sentir-lhe as formas, amassá-la, penetrar-se nela! Mas disfarçava, punha-se a falar alto com um sorriso parvo, abanava-se convulsivamente, e o suor gotejava-lhe nas roscas anafadas do pescoço. Ia para casa rezar estações, impunha-se penitências de muitas coroas à Virgem; mas apenas as orações findavam, começava o temperamento a latejar. E a boa, a pobre D. Felicidade tinha agora pesadelos lascivos e as melancolias do histerismo velho. A indiferença do Conselheiro irritava-a mais: nenhum olhar, nenhum suspiro, nenhuma revelação amorosa e comovida! Era para com ela glacial e polido. Tinham-se às vezes encontrado a sós, à parte, no vão favorável de uma janela, no isolamento mal-alumiado de um canto do sofá - **mas apenas ela fazia uma demonstração sentimental, ele erguia-se bruscamente, afastava-se, severo e pudico**⁸⁷ (Grifos nossos).

D. Felicidade também retrata a hipocrisia da sociedade, muito criticada por Eça, por apresentar um comportamento muito religioso e caturro, sempre se preocupando com os deveres cristãos e, no entanto, procurar ajuda na magia negra, pagar uma fortuna a uma "feiticeira" para "deitar a sorte ao Conselheiro", atitude que confidencia a Luísa:

[...] - Tu sabes - continuou D. Felicidade, devagar, com pausas - que a minha criada, a Josefa, está para casar com o galego... O homem é de ao pé de Tuí, e diz que na terra dele há uma mulher que tem virtude para fazer casamentos que é uma coisa milagrosa... Diz que é o mais que há... Em deitando a sorte a um homem, -- o homem entra-lhe uma tal paixão que se arranja logo o casamento e é a maior felicidade.⁸⁸

⁸⁷ P. 37-38

⁸⁸ P. 187

E detalhadamente explica seu procedimento: “[...] - A mulher faz um coração de cera, cola-o ao retrato do Conselheiro, e durante uma semana à meia-noite cravava uma agulha benta com o preparo que ela tem, e faz as orações...”⁸⁹ Invocando ainda “Nossa Senhora” para que a ajude: “[...] Nossa Senhora da Alegria o permita! **Nossa Senhora o permita!** Que aquele homem traz-me doida. De noite, é cada sonho! Até ando em pecado mortal! E são suores! Mudo de camisa três e quatro vezes!”⁹⁰ Quando descobre que o Conselheiro “tem duas travesseirinhas na cama, tendo só uma cabeça”⁹¹, resolve recolher-se à Encarnação.

D. Felicidade, além de representar a hipocrisia da sociedade, assim como Acácio, retrata, acima de tudo, o fanatismo religioso, o mundo supersticioso e devoto que, segundo o autor, merece receber a “bengalada do homem de bem”.

Um dos principais alvos da crítica eciana, no romance, é a literatura romântica, representada pela figura do primo de Jorge, Ernestinho, que constitui a primeira grande aparição de um escritor na obra de Eça. Demonstra uma debilidade física, moral e cultural, pois é descrito como “pequenino” e “linfático”, possui uma amante e, além de empregado na alfândega, é um escritor de peças de teatro, vazio e medíocre, somente preocupado com dramalhões românticos. Essa crítica cerrada de Eça à “literaturinha acéfala”, ao “ultra-romantismo decadente e ultrapassado”, é compartilhada pelos intelectuais da Geração de 70, da qual fazia parte, que consideravam o romantismo como um sinônimo do atraso do país. Essa opinião se baseava na idéia de que o mundo da segunda metade do século XIX não correspondia mais ao universo sentimental da literatura romântica. Eles pretendiam, através de uma nova literatura influenciada pelo positivismo, encontrar métodos mais seguros, menos subjetivos e sentimentais para expressar a realidade.

O drama *Honra e Paixão*, cujo desenlace causou tanta polêmica entre as personagens, é a estréia “séria” de Ernestinho no teatro. Este era seu enredo:

Era uma mulher casada. Em Sintra tinha-se encontrado com um homem fatal, o Conde de Monte Redondo. O marido, arruinado, devia cem contos de réis ao jogo. Estava desonrado, ia ser preso. A mulher, louca, corre a umas ruínas acasteladas,

⁸⁹ P. 345

⁹⁰ P. 345

⁹¹ P. 439

onde habita o conde, deixa cair o véu, conta-lhe a catástrofe. O conde lança o seu manto aos ombros, parte, chega no momento em que os beleguins vão levar o homem. [...] O conde desembuça-se, atira uma bolsa de ouro aos pés dos beleguins, gritando-lhes: "Saciai-vos, abutres!..." [...] O Conde de Monte Redondo e a mulher amam-se, o marido descobre, arremessa todo o seu ouro aos pés do conde, e mata a esposa.⁹²

Entretanto, o empresário de Ernestinho quer que a esposa seja perdoada: “diz que o público não gosta! Que não são coisas cá para o nosso país...”⁹³. A maioria dos amigos concorda, afirmando que o público sairia do teatro mais aliviado com esse final, menos o conservador e moralista Jorge, o único que exige que Ernestinho puna a protagonista adúltera de seu drama.

E, então, invocou a opinião de Jorge. Não lhe parecia que o bom Ernesto devia perdoar?

- Eu, Conselheiro? De modo nenhum. Sou pela morte. Sou inteiramente pela morte. E exijo que a mates, Ernestinho!

D. Felicidade acudiu, toda bondosa:

- Deixe falar, Sr. Ledesma. Está a brincar. E ele então que é um coração de anjo!

- Está enganada, D. Felicidade - disse Jorge, de pé diante dela. - Falo sério e sou uma fera! Se enganou o marido, sou pela morte. No abismo, na sala, na rua, mas que a mate. Posso lá consentir que, num caso desses, um primo meu, uma pessoa da minha família, do meu sangue, se ponha a perdoar como um lamecha! Não! Mata-a! É um princípio de família. Mata-a quanto antes!⁹⁴

Depois de muita hesitação, Ernestinho decide perdoar a mulher, por achar mais natural. A peça foi um triunfo: “O *Diário de Notícias* dizia mesmo que o ‘autor chamado ao proscênio, no meio do mais vivo entusiasmo, recebera uma formosa coroa de louros’,”⁹⁵ e “O Saavedra do *Século*, [cuja ‘mão, escrevia tanta banalidade e tanta mentira’]⁹⁶, tinha-lhe dito: o amigo é o nosso Shakespeare!”⁹⁷.

De acordo com a análise de Francisco Werneck: “A circunstância de ter o romancista apresentado o tipo de Ledesma coberto de ridículo e, depois, figurá-lo

⁹² P. 43

⁹³ P. 45

⁹⁴ P. 46

⁹⁵ P. 418

⁹⁶ P. 324

⁹⁷ P. 419-20

coberto de aplausos pelo público e até coroados, não deixa dúvida de que se trata de uma sátira terrível contra o teatro português”⁹⁸.

Seu drama *Honra e Paixão* representa um prelúdio, uma prefiguração do que será vivido por Luísa e Jorge. Assim como representa um prelúdio a gravura de Dante, observada pelas personagens:

Mas D. Felicidade que olhava, ao pé de Julião, as gravuras do Dante, ilustrado por G. Doré, que ele folheava com o volume sobre os joelhos, exclamou, de repente:

- Ai que bonito! Que é? Muito bonito! Viste, Luísa? Luísa aproximou-se.

- É um caso de amor infeliz, senhora D. Felicidade - disse Julião. - É a história triste de Paulo e Francesca de Rimini. - E explicando o desenho: - Aquela senhora sentada é Francesca; este moço de guedelha, ajoelhado aos pés dela, e que a abraça, é seu cunhado, e, lamento ter de o dizer, seu amante. E aquele barbaças que lá ao fundo levanta o reposteiro e saca da espada, é o marido. que vem, e zás! - E fez o gesto de enterrar o ferro.⁹⁹

Para as conveniências do público burguês, o castigo da adúltera no drama era excessivo, por isso ela foi perdoada e não assassinada pelo marido traído. A oposição dos termos “honra” e “paixão” é intrigante, pois “paixão” deveria se opor à “razão”, por exemplo, e não à “honra”. A diferença é que naquele tipo de sociedade o termo “paixão” estava ligado ao adultério, pois o sentimento que deveria unir cônjuges, pessoas casadas, era o “amor”. E se existe adultério, não pode haver “honra”. Nos romances que Luísa lia, assim como no drama, o adultério deveria ser compreendido, pois os adúlteros eram guiados pelos sentimentos e não eram responsáveis por seus atos, portanto não era justo que fossem castigados.

Além do convívio com esse “grupo social hipócrita e medíocre”, considerado por Eça como uma “anarquia no meio da transformação moderna”, Luísa ainda enfrenta o terrível cenário a ela descortinado quando chega à janela.

O sol desaparecera; na rua estreita havia uma sombra igual, de tarde sem vento; pelas casas, de uma edificação velha, escuras, estavam abertas as varandas onde em vasos vermelhos se mirrava alguma velha planta miserável, manjerição ou cravo; ouvia-se,

⁹⁸ WERNECK, Francisco José dos Santos. Op.cit., p. 123.

⁹⁹ P. 294

no teclado melancólico de um piano, a *Oração de uma virgem*, tocada por alguma menina, no sentimentalismo vadio do domingo; e na sua janela, defronte, as quatro filhas do Teixeira Azevedo, magrinhas, com os cabelos muito riçados, as olheiras pisadas, passavam a sua tarde de dia santo, olhando para a rua, para o ar, para as janelas vizinhas, cochichando se viam passar um homem - ou debruçadas, com uma atenção idiota, faziam pingar saliva sobre as pedras da calçada.¹⁰⁰

A descrição impiedosamente realista de Eça nos põe em contato com o mau estado da rua e com o comportamento e detalhes grotescos da vizinhança:

Um homem grosso, de pernas tortas, curvado sob um realejo, apareceu então ao alto da rua; as suas barbas pretas tinham um aspecto feroz; parou, pôs-se a voltar a manivela, levantando em redor, para as janelas, um sorriso triste de dentes brancos e a "Casta Diva", com uma sonoridade metálica e seca, muito tremida espalhou-se pela rua.

Gertrudes, a criada e a concubina do doutor de Matemática, veio encostar logo aos caixilhos estreitos da janela a sua vasta face trigueira de quarentona farta e estabelecida; adiante, na sacada aberta de um segundo andar, debruçou-se a figura do Cunha Rosado, magro e chupado, com um boné de borla, o aspecto desconsolado do doente de intestinos, conchegando com as mãos transparentes o *robe de chambre* ao ventre. Outras faces enfatiadas mostraram-se entre as bambinelas de cassa.

Na rua, a estanqueira chegou-se à porta, vestida de luto, estendendo o seu carão viúvo, os braços cruzados sobre o xale tingido de preto, esguia nas longas saias escoadas. Da loja, por baixo da Casa Azevedo, veio a carvoeira, enorme de gravidez bestial, o cabelo esguedelhado em repas secas, a cara oleosa e enfarruscada, com três pequenos meio nus, quase negros, chorões e hirsutos, que se lhe penduravam da saia de chita. E o Paula, com loja de trastes velhos, adiantou-se até ao meio da rua; a pala de verniz do seu boné de pano preto nunca se erguia de cima dos olhos; escondia sempre as mãos, como para ser mais reservado, por trás das costas, debaixo das abas do seu casaco de cotim branco; o calcanhar sujo da meia saía-lhe para fora da chinela bordada a miçanga; e fazia roncar o seu pigarro crônico de um modo despeitado. Detestava os reis e os padres. O estado das coisas públicas enfurecia-o. Assobiava freqüentemente a *Maria da Fonte*, e mostrava-se nas suas palavras, nas suas atitudes, um patriota exasperado.¹⁰¹

É exatamente essa vizinhança que vai discutir o comportamento de Luísa. Paula, o vendedor de trastes velhos, formula a teoria de que ela adoecera porque estava “arrasada de romances”:

[...] O Paula explicava de outro modo:

- Ali anda coisa de cabeça - dizia, franzindo a testa, com o ar profundo.

¹⁰⁰ P. 32

¹⁰¹ P. 32-33

- Sabe o que ela tem, Sra. Helena? É muita dose de novelas naquela cachimônia. Eu vejo-a de pela manhã até à noite de livro na mão. Põe-se a ler romances e mais romances... Aí têm o resultado: arrasada!¹⁰²

Além disso, os vizinhos também analisam as causas do adultério de Luísa, que seriam a liberdade que lhe foi concedida quando Jorge viajou e o fato de ser fidalga:

A estaqueira lamentava-a: uma senhora que era tão apositada!

- Vaca solta lambe-se toda, Sra. Helena! - rosnava o Paula. - São todas o mesmo!

- Menos isso! - protestava a estaqueira. - Que eu sempre fui uma mulher honesta!

- E ela? - reclamava a carvoeira - ninguém tinha que lhe dizer!

- Falo da alta sociedade, das fidalgas, das que arrastam sedas! É uma cambada. Eu é que o sei! - E acrescentava gravemente: - No povo há mais moralidade. O povo é outra raça! - E com as mãos enterradas nos bolsos, as pernas muito abertas, ficava absorto, com a cabeça baixa, o olhar cravado no chão. - Se é! - murmurava. - Se é! - Como se estivesse positivamente achando as pedrinhas da calçada menos numerosas que as virtudes do povo!¹⁰³

Essa análise dos diferentes níveis de “moralidade” e “virtude” entre as classes também é feita por Eça de Queirós em “Uma Campanha Alegre”:

Hoje a mulher é educada exclusivamente para o amor – ou para o casamento, como realização do amor. É claro que, como Dumas, falamos das classes ricas e improdutivas.¹⁰⁴ [...] É que as mulheres mais ocupadas são as mais virtuosas. É isto evidente na pequena burguesia, no mundo proletário, nas classes agrícolas.¹⁰⁵

A opinião dos vizinhos e a “farpa” do autor reafirmam a sua tese de que o adultério é consequência, quase sempre, da ociosidade das mulheres das classes “mais altas” e da educação romântica e sentimental a que são submetidas.

O casamento de Luísa e Jorge começa a se desestabilizar com a viagem deste ao Alentejo e a chegada a Lisboa do primo Basílio. Basílio de Brito tem ares de janota e é ridicularizado pelo seu excesso de futilidade, caráter duvidoso e ausência de patriotismo. É primo de Luísa e foi seu noivo na adolescência. Fez fortuna no Brasil depois que o pai faliu e pôs-se a viajar pela Europa, estabelecendo-se em Paris.

¹⁰² P. 341

¹⁰³ P. 199

¹⁰⁴ QUEIRÓS, Eça de. “Uma Campanha alegre”. Op. cit., p. 395.

¹⁰⁵ Ibid., p. 399.

Recém-chegado em Portugal, juntamente com seu amigo Visconde Reinaldo, tem um caso com Luísa, que se deixa levar pela ilusão de um amor proibido.

Por ter se estabelecido por um tempo em Paris e viajado pela Europa, quando volta para Portugal, Basílio critica o provincianismo de Lisboa, as *toilettes* e a monotonia da vida cultural da cidade. Através dos seus comentários e, principalmente, dos seus pensamentos, não se cansa de comparar Lisboa às cidades “modernas” da Europa, especialmente Paris. Acha “um horror” as *toilettes* dos lisboetas, como, por exemplo, as “luvitas de dois botões, a ver-se o punho”, em contraste com as luvas usadas em Paris, “luvas de verão, de *peau de suède*, de oito botões”¹⁰⁶.

De resto pelo que tinha visto, as mulheres em Lisboa cada dia se vestiam pior! Era atroz! Não dizia por ela; até aquele vestido tinha chique, era simples, era honesto. Mas em geral era um horror. Em Paris! Que deliciosas, que frescas as *toilettes* daquele verão!”¹⁰⁷

Indigna-se com o fato de Luísa receber em casa amigos tão mal-vestidos, como Julião, por exemplo, principalmente por nunca ter tido aquele tipo de convivência quando solteira. Diante da justificativa de Luísa, por respeito às opiniões de Jorge, de que o médico não tinha “muitos meios”, retruca: “Mas não era necessário ter meios para escovar o casaco e limpar a caspa!”¹⁰⁸.

Além da falta de decoro e asseio no vestuário, Basílio critica a cozinha portuguesa. Não conseguira “comer” em Portugal: “Oh! Mas em Paris!... Tudo é superior! Por exemplo, desde que chegara ainda não pudera comer. Positivamente não podia comer! - Só em Paris se come - resumiu.”¹⁰⁹ Consequira, no máximo, “rilhar um bife córneo e tragar um Colares peçonhento!”¹¹⁰ no Grêmio.

No entanto, não é somente através da voz de Basílio que Eça critica a “cozinha” de Lisboa, como nos revela a descrição de o narrador faz de uma confeitaria.

¹⁰⁶ P. 66

¹⁰⁷ P. 66

¹⁰⁸ P. 103

¹⁰⁹ P. 66

¹¹⁰ P. 128

Estavam parados ao pé da confeitaria. Na vitrina, por trás deles, emprateirava-se uma exposição de garrafas de malvasia com os seus letreiros muito coloridos, transparências avermelhadas de gelatinas, amarelidões enjoativas de doces de ovos, e queques de um castanho-escuro tendo espetados cravos tristes de papel branco ou cor-de-rosa. Velhas natas lívidas amolentavam-se no oco dos folhados; ladrilhos grossos de marmelada esbeçavam-se ao calor; as empadinhas de marisco aglomeravam as suas crostas ressequidas. E no centro, muito proeminente numa travessa, enroscava-se uma lampreia de ovos medonha e bojuda, com o ventre de um amarelo ascoroso, o dorso malhado de arabescos de açúcar, a boca escancarada; na sua cabeça grossa esbugalhavam-se dois horríveis olhos de chocolates; os seus dentes de amêndoa ferravam-se numa tangerina de chila; e em torno do monstro espapado moscas esvoaçavam.¹¹¹

De fato, como Basílio, acostumado com a sofisticação culinária de Paris, poderia “comer”, se enxergasse essa confeitaria e outros estabelecimentos com os mesmos olhos do narrador?

As atrações culturais da cidade como, por exemplo, a tourada e o teatro, são vistas por Basílio como uma “sensaboria” e fazem-no morrer de “pasmaceira”. Porém, a descrição impiedosa de Eça do ambiente do teatro também não o torna muito agradável aos olhos de uma pessoa fina e sofisticada, como diz Basílio.

O teatro, quase vazio, estava lúgubre; aqui e além, nalgum camarote, uma família feia perfilava-se, com cabelos negríssimos carregados de postigos, gozando soturnamente a sua noite de domingo; na platéia, à larga nas bancadas vazias, pessoas avelhadas e inexpressivas escutavam com um ar encalmado e farto, limpando a espaços, com lenços de seda, o suor dos pescoços; na geral, gente de trabalho arregalava olhos negros em faces trigueiras e oleosas; a luz tinha um tom dormente; bocejava-se. E no palco, que representava uma sala de baile amarela, um velhote condecorado falava a uma magrita de cabelos riçados, sem cessar, com o tom diluído de uma água gordurosa e morna que escorre.¹¹²

Além disso, um dos principais descontentamentos de Basílio é a falta de alegria, sofisticação, movimentação e iluminação das ruas e cafés lisboetas, em contraste com a agitação parisiense:

Basílio, ao pé de Luísa, ia calado. "Que horror de cidade!" - pensava. - "Que tristeza!" E lembrava-lhe Paris, de verão; subia, à noite, no seu faéton, os Campos Elísios devagar; centenares de vitórias descem, sobem rapidamente, com um trote discreto e alegre; e as lanternas fazem em toda a avenida um movimento jovial de pontos de luz; vultos brancos e mimosos de mulheres reclinam-se nas almofadas, balançadas nas molas macias; o ar em redor tem uma doçura aveludada, e os castanheiros

¹¹¹ P. 132-33

¹¹² P. 114

espalham um aroma sutil. Dos dois lados, dentre os arvoredos, saltam as claridades violentas dos cafés cantantes, cheios do bruaá das multidões alegres, dos brios impulsivos das orquestras, os restaurantes flamejam; há uma intensidade de vida amorosa e feliz; e, para além, sai das janelas dos palacetes, através dos estores de seda, a luz sóbria e velada das existências ricas. Ah! Se lá estivesse! [...] ¹¹³

Novamente, nenhum aspecto positivo de Lisboa é mostrado pela voz do próprio narrador, que a descreve como uma cidade “monótona”, “lúgubre” e “aborrecida”, como nos revela a citação abaixo:

Luísa olhava, calada. A multidão crescera. Nas ruas laterais mais espaçosas, frescas, passeavam apenas, sob a penumbra das árvores, os acanhados, as pessoas de luto, os que tinham o fato coçado. Toda a burguesia domingueira viera amontoar-se na rua do meio, no corredor formado pelas filas cerradas das cadeiras do asilo; e ali se movia entalada, com a **lentidão espessa de uma massa derretida, arrastando os pés**, raspando o macadame, num amarfanhamento a garganta seca, os braços moles, a palavra rara. Iam, vinham, incessantemente para cima e para baixo, com um bamboleamento relaxado e um **rumor grosso sem alegria e sem bonomia**, no arrebanhamento passivo que agrada às raças mandrionas; no meio da abundância das luzes e das festividades da música, **um tédio morno circulava**, penetrava como uma névoa; a poeirada fina envolvia as figuras, dava-lhes um tom neutro; e nos rostos que passavam sob os candeeiros, nas zonas mais diretas de luz, viam-se **desconsolações de fadiga e aborrecimento** de dia santo. ¹¹⁴

[...] D. Felicidade propôs uma volta. Levantaram-se, foram rompendo devagar; as filas das cadeiras apertavam-se compactamente, e uma infinidade de faces a que a luz do gás dava o mesmo tom amarelado olhavam de um **modo fixo e cansado**, num **abatimento de psamaceira**. Aquele aspecto irritou Basílio, e como era difícil andar lembrou - "que se fossem daquela sensaboria". ¹¹⁵ (Grifos nossos).

Seu amigo Reinaldo também não suporta a cidade, achando, sobretudo, a temperatura de Lisboa “reles”: “O clima, este prodigioso engodo nacional! Um clima pestífero. Não há nada mais reles de que um bom clima!...”¹¹⁶ e o cheiro de Portugal “ignóbil”:

Na sala de leitura, o seu amigo o Visconde Reinaldo, que havia anos vivia em Londres, e muito em Paris também, lia o *Times* languidamente, enterrado numa poltrona. Tinham vindo ambos de Paris, com a promessa de voltarem juntos por Madri. Mas o calor desolava Reinaldo; achava a temperatura de Lisboa reles; trazia

¹¹³ P. 97

¹¹⁴ P. 95

¹¹⁵ P. 96

¹¹⁶ P. 442

lunetas defumadas; e andava saturado de perfumes, por causa "do cheiro ignóbil de Portugal".¹¹⁷

Essa opinião de Reinaldo nos remete a uma das cartas que Eça escreveu quando estava em Paris. Nessa carta, o escritor ironiza um discurso de Fontes Pereira de Melo, no qual exalta o clima de Portugal em detrimento ao progresso comercial e industrial dos outros países:

Há anos, há muitos anos, quando nós todos éramos novos e a política se conservava ainda tão romântica como a literatura, um estadista nosso, Fontes Pereira de Melo, aquele a quem se chamava concisamente e popularmente “o Fontes”, dizia num discurso de Estado, estas palavras consoladoras: “É certo que nossa pátria não possui como outras a riqueza comercial, as numerosas vias férreas, as incontáveis fábricas, os estaleiros, a ferramenta industrial, os fortes factores do progresso: mas tem sobre elas uma superioridade, que lhe garante vida mais fácil e mais livre, e é este luminoso e magnífico céu azul que nos cobre!”¹¹⁸

E é exatamente esse clima, “magnífico” para o “Fontes”, que o Visconde considera “pestífero” e um dos piores defeitos de Portugal.

No meio de toda essa “pasmaceira”, Basílio precisa de uma distração. Malicioso, por ser fruto de uma educação libertina, atrai Luísa explorando a sua vaidade fútil. Como parte do seu jogo de sedução, compara a fidelidade conjugal a uma demonstração de atraso das mulheres de Lisboa, frente aos hábitos supostamente liberais e modernos das senhoras de Paris – todas com seus amantes. Cantava canções picantes e sensuais e contava-lhe “a moderna crônica amorosa, anedotas, paixões chiques”.

Tudo se passava com duquesas, princesas, de um modo dramático e sensibilizador, às vezes jovial, sempre cheio de delícias. E, de todas as mulheres de que falava, dizia recostando-se: Era uma mulher distintíssima; tinha naturalmente o seu amante... O adultério aparecia assim um dever aristocrático. De resto a virtude parecia ser, pelo que ele contava, o defeito de um espírito pequeno, ou a ocupação reles de um temperamento burguês.¹¹⁹

¹¹⁷ P.149

¹¹⁸ QUEIRÓZ, Eça de. “Cartas Familiares de Paris”. In *Cartas de Paris*. Lisboa: Edição “Livros do Brasil”, 2000, p. 231-32.

¹¹⁹ P. 129-30.

Luísa começa a se encantar com a personalidade mundana e sedutora de Basílio, com sua vida livre e chique, tão diferentes das de Jorge, “tão caseiro e lisboeta”, e sonha em viajar, viver aventuras:

- **Que vida interessante a do primo Basílio!** - pensava. - O que ele tinha visto! Se ela pudesse também fazer as suas malas, partir, admirar aspectos novos e desconhecidos, a neve nos montes, cascatas reluzentes! Como desejaria visitar os países que conhecia dos romances - a Escócia e os seus lagos taciturnos, Veneza e os seus palácios trágicos; aportar às baías, onde um mar luminoso e faiscante morre na areia fulva; e das cabanas dos pescadores de teto chato, onde vivem as Grazielas, ver azularem-se ao longe as ilhas de nomes sonoros! **E ir a Paris! Paris sobretudo! Mas, qual! Nunca viajaria decerto; eram pobres; Jorge era caseiro, tão lisboeta!**¹²⁰ (Grifos nossos).

Entretanto, logo se conforma e tenta se convencer de que a sua vidinha monótona é mais “confortável”.

A noite escurecia, outras estrelas luziam. - Mas de que servia viajar, enjoar nos paquetes, bocejar nos vagões, e, numa diligência muito sacudida, cabecear de sono pela serra nas madrugadas frias? Não era melhor viver num bom conforto, com um marido terno, uma casinha abrigada, colchões macios, uma noite de teatro às vezes, e um bom almoço nas manhãs claras quando os canários chalam? Era o que ela tinha. Era bem feliz.

Por não ter personalidade forte, Luísa vive o confronto entre uma vida mundana e a sua vida pacata:

[...] Involuntariamente, porém, o primo Basílio fazendo flutuar o seu *bornous* branco pelas planícies da Terra Santa, ou em Paris, direito na almofada, governando tranqüilamente os seus cavalos inquietos - davam-lhe a idéia de uma outra existência mais poética, mais própria para os episódios do sentimento.¹²¹

Quando percebe que “ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos”¹²², vive momentos de imensa alegria e excitação:

Foi-se ver ao espelho; achou a pele mais clara, mais fresca, e um enternecimento úmido no olhar - seria verdade então o que dizia Leopoldina, que não havia como

¹²⁰ P. 69-70

¹²¹ P. 70

¹²² P. 193

uma maldadezinha para fazer a gente bonita? Tinha um amante, ela! E imóvel no meio do quarto, os braços cruzados, o olhar fixo, repetia: "Tenho um amante!"¹²³

Segundo as idéias do autor, Luísa vivia satisfeita em seu lar organizado, com seu marido honesto e digno, porém cede aos encantos de Basílio por ser produto de uma educação sentimental, uma religião automática e, principalmente, por ser “vítima” do tédio e do ócio típicos da sociedade burguesa; além de ser uma “devoradora” de romances românticos, que enchiam sua cabeça de ilusões. De acordo com a análise de José-Augusto França: “O adultério e o *spleen* são portanto as duas situações que definem a existência da jovem burguesa na moleza duma vida orientada por falsos valores.”¹²⁴.

No início do relacionamento, por não se sentir arrependida, nem culpada, procura justificativas para seu adultério. Tenta se convencer de que fizera tudo por amor, como nos romances, enquanto outras, “até ilustres”, o faziam por vício, e, mesmo assim, eram admiradas.

Ela mesma se espantava de se sentir tão tranqüila. E todavia impacientava-a ter constantemente aquela idéia no espírito, impassível, com uma obstinação espectral; punha-se instintivamente a acumular as justificações: não fora culpa sua. Não abrira os braços a Basílio voluntariamente!... Tinha sido uma fatalidade; fora o calor da hora, o crepúsculo, uma pontinha de vinho talvez... Estava doida, decerto. E repetia consigo as atenuações tradicionais: não era a primeira que enganara seu marido; e muitas era apenas por vício; ela fora por paixão... Quantas mulheres viviam num amor ilegítimo e eram ilustres, admiradas! Rainhas mesmo tinham amantes. E ele amava-a tanto!... Seria tão fiel, tão discreto! As suas palavras eram tão cativantes, os seus beijos tão estonteadores!... E enfim que lhe havia de fazer agora? Já agora!...¹²⁵

Depois de seduzi-la, Basílio precisa manter Luísa apaixonada. Na citação a seguir, fica claro que ele não a ama, e sim, está apenas em busca de uma distração. Amante “insensível e tirânico”, como é descrito pelo autor, sente-se satisfeito por destruir um casamento aparentemente “feliz”.

Luísa, na cama, tinha lido, relido o bilhete de Basílio: “Não pudera – escrevia ele – estar mais tempo sem lhe dizer que a adorava. Mal dormira! Erguera-se de manhã muito cedo para lhe jurar que estava louco, e que punha a sua vida aos pés dela.”

¹²³ P. 179

¹²⁴ FRANÇA, José-Augusto. Op.cit., p. 489.

¹²⁵ P. 181

Compusera aquela prosa na véspera, no Grêmio, às três horas, depois de alguns *robbers de whist*, um bife, dois copos de cerveja e uma leitura preguiçosa da ilustração. E terminava, exclamando: -- “Que outros desejem a fortuna, a gloria, as honras, eu desejo-te a ti! Só a ti, minha pomba, porque tu és o único laço que me prende à vida, e se amanhã perdesse o teu amor, juro-te que punha um termo, com uma boa bala, a esta existência inútil!” – Pedira mais cerveja e levava a carta para fechar em casa, num envelope com o seu monograma, “porque sempre fazia mais efeito.”¹²⁶

Reafirmando a tese de que o ser humano é produto do meio, Eça explica que o adultério de Luísa foi conseqüência do “encontro dum mulher educada sentimentalmente com um manganão educado libertinamente”; e complementa, “toda a desgraça provém destas duas falsas educações”¹²⁷.

Luísa começa, aos poucos, a desconfiar de que “Basílio não a estimava, apenas a desejava!”¹²⁸, e de que não tinha nenhum carinho e consideração por ela, achando-a uma simples “burguesinha”:

E depois positivamente não a respeitava, não a considerava... Tratava-a por cima do ombro, como uma burguesinha, pouco educada e estreita, que apenas conhece o seu bairro. E um modo de passear, fumando, com a cabeça alta, falando no "espírito de madame de tal", nas "*toilettes* da condessa de tal"! Como se ela fosse estúpida, e os seus vestidos fossem trapos! Ah, era secante! E parecia, Deus me perdoe, parecia que lhe fazia uma honra, uma grande honra em a possuir...¹²⁹

Como Basílio é pedante e cínico, não consegue esconder o desprezo que sente por Luísa, o que a faz pensar em Jorge, “que a amava com tanto respeito! Jorge, para quem ela era decerto a mais linda, a mais elegante, a mais inteligente, a mais cativante!...”¹³⁰, e questionar se fizera realmente tudo por amor, ou apenas por vaidade, por curiosidade pelo “fruto proibido”:

[...] Mas então!... E como uma pessoa que destapa um frasco muito guardado, e se admira vendo o perfume evaporado, ficou toda pasmada de encontrar o seu coração vazio. O que a levava então para ele?... Nem ela sabia; não ter nada que fazer, a curiosidade romanesca e mórbida de ter um amante, mil vaidadezinhas inflamadas, um certo desejo físico... E sentira-a, porventura, essa felicidade, que dão os amores ilegítimos, de que tanto se fala nos romances e nas óperas, que faz esquecer tudo na vida, afrontar a morte, quase fazê-la amar? Nunca! Todo o prazer que sentira ao

¹²⁶ P. 178.

¹²⁷ QUEIRÓZ, Eça de. “Carta a Rodrigues de Freitas”, de 30 de março de 1878. Op. cit., p.165.

¹²⁸ P. 212

¹²⁹ P. 229

¹³⁰ P. 219-20

princípio, que lhe parecera ser o amor - vinha da novidade, do saborzinho delicioso de comer a maçã proibida, das condições do mistério do Paraíso, de outras circunstâncias talvez, que nem queria confessar a si mesma, que a faziam corar por dentro!¹³¹

Quando o caso é descoberto por Juliana, que não se conforma com sua condição social e se apodera de cartas comprometedoras, Luísa, frágil, não consegue lidar sozinha com a chantagem da criada. Pensa em fugir, em um dos poucos momentos em que demonstra coragem de tomar uma atitude e reconhece que vivia uma vida estreita e sem graça:

Mas por que se afligia, por fim? Quantas invejariam a sua desgraça! O que havia de infeliz em abandonar a sua vida estreita entre quatro paredes, passada a examinar róis de cozinha e a fazer croché, e partir com um homem novo e amado, ir para Paris! Para Paris! Viver nas consolações do luxo, em alcovas de seda, com um camarote na Ópera!... Era bem tola em se afligir! Quase fora uma felicidade aquele "desastre"! **Sem ele nunca teria tido a coragem de se desembaraçar da sua vida burguesa; mesmo quando um alto desejo a impelisse, haveria sempre uma timidez maior para a reter!**¹³² (Grifos nossos).

Porém, Basílio, que não pretende assumi-la, vai embora de Lisboa, deixando Luísa sozinha com todo seu desespero. Nesse momento, ela começa realmente a compreender que se deixara levar por um capricho, pois amava seu marido, e se não fosse pelas chantagens de Juliana estaria feliz.

Ao princípio a idéia do outro pairava constantemente sobre esse amor, pondo um gosto infeliz em cada beijo, um remorso em cada noite. Mas pouco a pouco esquecera-o tanto, o outro - que a sua recordação, quando por acaso voltava, não dava mais amargor à nova paixão, que um torrão de sal pode dar às águas de uma torrente. Que feliz que seria - se não fosse a *infame!*¹³³

O único que a ajuda, recuperando as cartas, fato que “indiretamente” causa a morte de Juliana, é Sebastião. O “bom Sebastião” é o único que se salva nesse grupo social formado por pessoas hipócritas e amorais. Uma das personagens mais humanas da galeria queirosiana, Sebastião é simpático, bondoso e tímido. Fica inquieto com o falatório acerca das visitas de Luísa: “Sebastião entrou preocupado. Todo o mundo começava a reparar, hein! Pudera! Um rapaz novo, janota, vir todos os dias de trem,

¹³¹ P. 222-23

¹³² P. 243

¹³³ P. 311

estar duas, três horas! Uma vizinhança tão chegada, tão maligna!...”¹³⁴ e procura proteger sua reputação, repetindo aos vizinhos que a pessoa que visitava Luísa era seu primo, portanto não havia problema, e espalhando a notícia de que ela passava as tardes na Encarnação cuidando de D. Felicidade, que estava adoentada:

Sebastião saltou para o trem, mandou bater para casa de Luísa. D. Felicidade, doente, na Encarnação! Mas então Luísa podia bem sair todos os dias! Ia vê-la, fazer-lhe companhia, tratar dela!...

A vizinhança não tinha que rosnar! Ia ver a pobre doente!... ¹³⁵

Estavam justificadas, santificadas mesmo aquelas passeatas todos os dias! Ia ser a enfermeira da pobre D. Felicidade! Era necessário que todos soubessem: o Paula, a estanqueira, a Gertrudes, as Azevedos, todos, de modo que quando a vissem de manhã subir a rua, dissessem: "Lá vai fazer companhia à doente! Santa senhora"¹³⁶

Ao decidir armar um plano para recuperar as cartas que estavam com Juliana, demonstra que realmente compreende a sua situação e não a julga:

Luísa olhava-o quase com ternura: parecia-lhe ver, na sua face honesta, uma alta beleza moral. E de pé diante dele, com uma melancolia na voz:

- E vai fazer isso por mim, Sebastião, por mim, que fui tão má mulher...

Sebastião corou, respondeu encolhendo os ombros:

- Não há más mulheres, minha rica senhora, há maus homens, é o que há!¹³⁷

Luísa adocece e, quando Jorge abre uma carta de Basílio endereçada a ela e não sabe o que fazer, Sebastião apenas diz: “Está doente, Jorge”. ¹³⁸

Jorge, apesar de no fim dizer que perdoa a esposa, mostra-lhe a carta comprometedora do amante quando ela se recupera, fato que provoca uma recaída e precipita a morte de Luísa.

No final, quando recebe a notícia de sua morte, Basílio concorda com conclusão a que chega o Visconde Reinaldo:

¹³⁴ P. 126

¹³⁵ P. 205

¹³⁶ P. 206

¹³⁷ P. 374

¹³⁸ P. 414

[...] mas a verdade é que não era uma amante chique; andava em tipóias de praça; usava meias de tear; casara com um reles individuo de secretaria: vivia numa casinhola; não possuía relações decentes; jogava naturalmente o quino, e andava por casa de sapatos de ourelo; não tinha espírito, não tinha *toilette*... que diabo! Era um trambolho!¹³⁹

Essa constatação reafirma a importância dada pelo burguês do século XIX às aparências e aos hábitos das pessoas, e o modo como esses fatores determinavam sua personalidade e seu *status*.

Quando se dá conta de que ficara sem uma amante, Basílio lamenta-se, dizendo sua célebre frase: “-- Que ferro! Podia ter trazido a Alphonsine!”¹⁴⁰ No momento de maior dramaticidade do romance, quando os amantes começam a enfrentar as conseqüências do adultério, e, principalmente, quando Luísa morre, o cinismo de Basílio fica mais evidente: ele a abandona e, quando retorna, pensa apenas que teria sido mais vantajoso trazer uma amante de Paris.

José-Augusto França analisa a tese do romance, estabelecendo uma comparação com *O Crime do Padre Amaro*. Segundo o historiador:

O adultério não compensa: Amélia e Luísa terão de morrer, segundo a tese moral de Eça; mas Amaro e Basílio não podem sucumbir porque representam as forças sórdidas do mundo burguês, isto é, do mundo constitucional, do mundo fontista, do mundo romântico.¹⁴¹

Nós concordamos! O adultério não compensou para Luísa, a grande vítima de todo o romance. Vítima da ociosidade, da literatura romântica, da convivência com pessoas medíocres, hipócritas, fúteis e amorais; vítima também da educação moral e espiritual falha, do sentimentalismo. Luísa vivia em um espaço que não abria perspectivas e era, apenas, ligeiramente ampliado pela leitura de seus romances. Esses fatores, altamente condenados por Eça de Queirós, convergiram em sua futilidade de interesse e ações e, conseqüentemente, a impeliram a cometer adultério, não por amor, mas por desejo de viver uma aventura amorosa interessante que quebrasse a monotonia da vida conjugal.

A “bengalada” no mundo “oficial”, “sentimental”, “literário”, “agrícola” e

¹³⁹ P. 446.

¹⁴⁰ P. 446

¹⁴¹ FRANÇA, José-Augusto. Op.cit., p. 489.

“supersticioso” foi dada. Porém, segundo a professora Izabel Margato: “Resta saber quantas Luíças foram salvas ao longo desses anos. Resta saber quanto tempo leva para se aniquilar o sentido excludente revelado pela oposição dos termos *Honra e Paixão*.”¹⁴²

¹⁴² MARGATO, Izabel. “Cenas da Vida Portuguesa: Lisboa e Luíça, dois corpos marcados pela falta”, *Letras – no. 23 - Literatura Portuguesa e Pós-colonialismo: Produção Recepção e Cultura*. Ed. Universidade Santa Maria, 2002. p. 71-78.